

Nivia Ivette Núñez de la Paz

Epistemo Sofiando

Histórias, Contextos, Teologias, Experiências, Cotidianos

Nivia Ivette Núñez de la Paz

*E*pistemo *S*ofi*A*ndo

Histórias, Contextos, Teologias, Experiências, Cotidianos
(coletânea de artigos)

São Leopoldo



© Editora Karywa – 2014

Rua Serafim Vargas, 66

São Leopoldo – RS

Cep: 93030-210

editorakarywa@gmail.com

editorakarywa.wordpress.com

Conselho Editorial:

Dra. Adriana Schmidt Dias (UFRGS – Brasil)

Dra. Cândida Graciela Chamorro (UFGD – Brasil)

Dr. Cristóbal Gnecco (Universidad del Cauca – Colômbia)

Dr. Eduardo Santos Neumann (UFRGS – Brasil)

Dr. Raúl Fornet-Betancourt (Aachen – Alemanha)

Diagramação e arte-finalização: Rogério Sávio Link

N575e Núñez de la Paz, Nivia Ivette.

Epistemosofizando: Histórias, Contextos, Teologias, Experiências, Cotidianos (coletânea de artigos). [ebook] / Nivia Ivette Núñez de la Paz. São Leopoldo: Karywa, 2015.

16x23cm; 91 p.

ISBN: 978-85-68730-07-2

1. Histórias de Vida; 2. Contextos; 3. Teologias; 4. Experiências; 5. Cotidiano; I. Nivia Ivette Núñez de la Paz.

CDD 260

O livro está dedicado a uma grande amiga, Mayte Toledo Amores, filósofa e também cubano-brasileira. Mayte partiu sem permissão de ninguém (nem dela mesma) em maio deste ano. Com ela sempre Epistemosofiei y andei, com ela desejo continuar EpistemoSofiAndo.

Sumário

TOMAMOS UM CAFÉ BEM CONVERSADO? EU CONVIDO...	5
¡CUBA, GIRARDI... Y YO!	7
¿VIOLENCIA CONTRA RELIGIÓN O RELIGIÓN CONTRA VIOLENCIA EN LA CUBA REVOLUCIONARIA?	15
CUBA Y EL DIÁLOGO INTERRELIGIOSO	20
CUERPO, COTIDIANO, FOTOGRAFÍA, LENGUAJE: ANÁLISIS SEMIÓTICA DE IMÁGENES PARADAS	29
EL ANQUILOSAMIENTO DEL PROCESO REVOLUCIONARIO CUBANO	34
¡DANZA EN DESCOMPASO: CUBA, MÁSCARAS, MITOS Y UN COTIDIANO PROFÉTICO!	38
ENTRECruzando OLHARES SOBRE COMUNICAÇÃO E VIOLÊNCIA	53
INTERLIGANDO <i>MUNDOS DE VIDA</i> DESDE A TEOLOGIA... E EM DIÁLOGO COM FORNET-BETANCOURT	61
DÁ TUA MÃO E DANÇAREMOS: DESCONSTRUINDO VIOLÊNCIAS E CONSTRUINDO CONHECIMENTOS A PARTIR DOS MUNDOS DE VIDAS	68
FEMINILIZAÇÃO DA MIGRAÇÃO: DESAFIOS E POTENCIALIDADES!	76
REFERÊNCIAS	89

Tomamos um café bem conversado? Eu convido...

O presente livro almeja ser isto, uma conversa que esteja acompanhada, com toda intenção, pelo aroma e pelo gosto do café. Conversa não é monólogo, conversa é diálogo. No diálogo, há o tempo da fala, mas há também o importante tempo da escuta. O diálogo é um processo: de fala, de escuta, de reflexão. Assim foram finalizados os artigos que agora compõem este livro, dialogando com amizades de perto e de longe, com orientadores, com bancas de defesa de mestrado e de doutorado, com pessoas participantes em diferentes eventos onde fui convidada a palestrar. Cada artigo responde a um tempo, um tempo que abarca mais de uma década, em contextos tão diferentes como o são Cuba e Brasil, com experiências dissimiles e com todo tipo de sentimento aflorando e marcando este meu corpo.

EpistemoSofiAndo: histórias, contextos, teologias, experiências, cotidianos é uma coletânea de 10 artigos que explicitam minha vida, minha caminhada acadêmica e minha caminhada de fé. *EpistemoSofiA*, justo porque cansei das epistemologias, essas “logias”... embasadas numa suposta cientificidade objetiva, que para mim tem sabor de autosuficiência e de prepotência, que desgastam, sugam, fustigam, controlam. Identifico-me mais com as “Sofias ou Sophias”, sabedorias que criam e recriam, que privilegiam os plurais da existência numa constante renovação, que não tem nem retém últimas e únicas palavras ou argumentações, senão que se fazem e se refazem sempre que necessário na multiplicidade de cotidianos, de mundos de vida. *EpistemoSofi “Ando”*, epistemofias em andar permanente, saberes convencidos de que não há caminhos únicos, de que não há só um caminho... o caminho, ou melhor, os caminhos se fazem justo ao andar.

Nunca fui muito boa nisso de acatar normas quando elas não me convencem, penso que a inconformidade e a rebeldia são características que bem me descrevem nesses casos. Minha mãe conta, e eu lembro, que num certo dia, daqueles que eram destinados para vender os brinquedos às crianças cubanas, chegamos à loja para fazer a compra e, como meu número (aquele que me correspondia por sorteio) era muito alto (um dos últimos da lista), apenas tinha brinquedos para fazer a escolha. Em Cuba, cada criança tinha direito à compra desses três brinquedos ao ano, sendo catalogados como: um maior, um médio e um menor, segundo o tamanho

e a importância do objeto. Ainda tinha outro quesito importante: eles estavam divididos em brinquedos masculinos e femininos. Quando eu entrei, olhei e pedi, como brinquedo maior, “um vagão”, a vendedora explicou que seria impossível atender meu pedido porque esse era um brinquedo de menino, que o brinquedo maior para meninas seria uma boneca. Eu insisti que queria o vagão, tentei negociar os outros dois brinquedos (médio e pequeno) a fim de poder levar o vagão, mas não teve jeito, a vendedora não cedeu e minha mãe acabou comprando a boneca para mim. Caminhei da loja até minha casa lacrimejando e sem falar... uma vez em casa, passada algumas horas, minha mãe me viu brincando na sacada toda feliz: eu tinha colocado uma corda no pescoço da boneca e puxava ela como se fosse um vagão!

Neste livro vocês não vão encontrar uniformidade (depois de 30 anos uniformada a gente como que cansa...) não haverá uniformidade no idioma, nem no conteúdo e menos ainda na forma. É meu livro, não é uma dissertação nem tese. É meu livro e quero que ele seja “bem eu”. Nele escrevo sobre e a partir das minhas duas pátrias. Escrever sobre Cuba, para mim, é sempre, além de um desafio, um exercício de compromisso, de lealdade, de dor. De compromisso porque, mesmo que já faz mais de uma década que resido no Brasil, ainda continuo me sentindo “parte”. De lealdade porque “me sentindo parte” não posso nem quero ficar alheia às experiências de vida que estão gritando desde o cotidiano cubano. De dor, pelos que lá ainda estão enfrentando o difícil dia a dia, pelos que não estamos ou estamos longe, pelos que partiram desta vida “estando” ou “sem poder estar” nessa ilha. Escrever sobre Brasil, ou desde Brasil, entre muitas outras coisas é gratidão, gratidão ao país que me acolhe e me permite viver dignamente com meu esposo, que me permitiu fazer pós-graduações (sem pagar um centavo e ainda me oferecendo uma bolsa de manutenção), que me dá a possibilidade de criticá-lo sem rotular-me, de exigir meus direitos como cidadã, de sonhar e lutar como mulher por espaços que ainda nos são usurpados e negados. No Brasil eu me descobri e me fiz adulta!

Isso tudo forma parte deste livro...

¡Cuba, Girardi... y yo!

El presente artículo es el resultado de una monografía realizada para evaluación de la asignatura Panorama de la Teología en América Latina. Escogí el libro *El ahora de Cuba, tras el derrumbe del comunismo y la visita del Papa*, porque considero que Cuba marca, por el hecho de vivir con una realidad totalmente diferente, una pauta teológica. Pienso, además, que Girardi trabaja la realidad cubana como nunca antes – desde el triunfo revolucionario – nadie se atrevió a hacerlo.

Existen dos fuertes razones que me conducen a intentar un diálogo con el autor, razones contradictorias, una que me alegra y otra que me entristece. La primera, la que me alegra, es su pasión por el tema, su disposición de análisis sin parcialidad, su compromiso en buscar la raíz propia de los problemas, de presentar dificultades pero también luces para poder superarlas. La otra, la que me entristece, es que sea nuevamente un “europeo” quien escriba la historia, cuando estoy convencida de que tantos latinoamericanos y, específicamente, cubanas y cubanos hubieran podido hacerlo.

Considero este, un libro profético en todos los sentidos. Pienso la única característica explícita de la profecía que a él escapa es el “Ay!” propio de los profetas veterotestamentarios, sin embargo, implícitamente ese “Ay!” sobresale el tiempo todo en sus prudentes reclamaciones y alertas. Girardi entrega un libro crítico, donde el anuncio y la denuncia conducen a una reflexión inaplazable y sin límites.

Como metodología utiliza la narrativa, sustentándose en la revisión de archivos históricos, observaciones antropológicas, conversaciones informales, diálogos de pesquisas y entrevistas a profesionales de diversas áreas. Todo su escrito intenta responder una pregunta: la posición que ocupará Cuba después de la derrota del campo socialista, ¿Será simplemente reducto del pasado o ha de convertirse en germen de un futuro nuevo? Por medio de un vaivén histórico muy bien logrado, Girardi consigue clarear su propósito, que apunta a marcar diferencia entre el llamado “socialismo real” y lo que él denomina de “socialismo cubano”.

Cinco grandes partes conforman la estructura. Las impares, primera, tercera y quinta, poseen dos secciones, las pares, segunda y cuarta, contienen sólo una. Reuniendo un total 375 páginas, aborda los siguientes temas: 1. *Cuba entre la lucha por la supervivencia y la búsqueda de alternativas*, 2. *Marxismo Cubano y Materialismo Ateo*, 3. *Marxismos y*

Cristianismos en la Revolución Cubana, 4. *Marxismo, Cristianismos y Religiones Afrocubanas* y 5. *Marxismo Humanista y Cristianismo Revolucionario: la confluencia*. Trabajaremos aquí, solamente, con las tres primeras.

Girardi sitúa su reflexión apuntando para una situación objetiva: la caída del campo socialista, y otra subjetiva: los sentimientos de frustración, derrota, desánimo y falta de esperanza que caracteriza a la militancia de izquierda tanto dentro del país como en el ámbito mundial. Para él, Cuba constituye el aspecto central de la problemática del mundo hoy. A su modo de ver, esto se debe a que será esta la nación que de testimonio diciendo si una alternativa válida al sistema capitalista todavía es posible o si, después del fracaso socialista, esta cuestión debe cerrarse definitivamente.

Llama la atención, además, para la necesidad de no sólo observar y apuntar las conquistas cubanas, sino de, en la misma medida, apuntar y develar los límites, las contradicciones, las lentitudes, la falta de libertad que le acompañan. Cierra, esta su propuesta, con una frase pujante: “La mejor aliada de la revolución cubana hoy es la verdad”.

En una primera sección, Girardi establece distinción entre dos concepciones de socialismo en la revolución cubana. Una que responde al socialismo economicista y autoritario, copiado del modelo soviético con su centro marcado entre los años 70 – 86. Y otro, el socialismo humanista y popular, que tiene su origen en las tradiciones patrióticas que antecedieron a la revolución. Éste se enmarca desde el 1959 hasta el 1969, se debilita por quedar sometido al otro modelo de los años 1970 al 1986 y, a partir del llamado Proceso de Rectificación, intenta entrar en vigor nuevamente.

A su modo de ver, aquí radica una de las causas del por qué de las contradicciones marcadas en la sociedad cubana, donde coexisten un debate crítico y participativo con una estructura burocrática, vertical y que engendra en muchos una actitud de miedo, un doble lenguaje y hasta una doble moral (pública y privada) (GIRARDI, 1998, p. 35). Hace distinción entre el Partido único de la teoría y el Partido monopolizador de la práctica. Y coloca, en el reconocimiento de los errores y en el empeño en su erradicación, la eficacia del proceso que busca la rectificación.

Marca diferencia entre el proceso cubano y los diferentes procesos socialistas del Este Europeo, situando el origen revolucionario como propio del esfuerzo de cubanas y cubanos, no siendo un socialismo ganado *para* el pueblo de Cuba, y sí ganado *por* el pueblo de Cuba. Girardi alude al hecho de que la palabra “socialismo” vino con cierta posterioridad, pues en principio se habló de “revolución proletaria”, de los humildes y para los humildes, siendo, también, un proceso que nacía por la confluencia de fuerzas nacionales diversas y que se unían por una misma preocupación e

intención (el Movimiento 26 de Julio, el Directorio 13 de Marzo, El Partido Socialista Popular, etc).

Apunta para la psicología de los revolucionarios cubanos, principalmente los dirigentes, la cual responde a esas contradicciones del proceso y que son la causa, inconsciente, de divergencias teóricas y políticas. Dos tendencias antropológicas marcan esta situación, la “libertaria popular” y la “autoritaria”, quedando la primera reducida a un papel subalterno. También identifica la presencia de dos categorías de “Hombre Nuevo”, se aspiraba a formar el hombre nuevo [ser humano nuevo] sin percibir que dos ángulos contradictorios exigían cumplimiento estricto, por un lado el que parte de la concepción soviética, con marca autoritaria (que trata de formar ciudadanos y particularmente militantes sumisos, en su pensamiento y acción); por otro, la concepción humanista que asume importancia en cuanto promueve la afirmación de cada ciudadano y del pueblo en general como sujetos (nuevas personas capaces de pensar autónomamente, de decidir de manera libre y solidaria y de participar creativamente en la realización del proyecto revolucionario). De la misma forma, declara la presencia de dos marxismos: el Soviético que tiene como fundamento al materialismo dialéctico y el marxismo Cubano, marcado por un humanismo ético-político.

Girardi trabaja con la dialéctica de los modelos de socialismo por él definidos y trae al debate su idea de Rectificación. Primeramente intenta presentar las similitudes y diferencias entre el Proceso de Rectificación Cubano y la llamada *Perestroika* Rusa, donde evidentemente, desde su punto de vista, las diferencias superan los aspectos en común con el proceso que llevara a la antigua URSS a su total desintegración. Parte del propio hecho de que el Proceso de Rectificación en Cuba se inició antes que la *Perestroika* de tierras soviéticas. Ambos, tenían en común el objetivo de renovación, donde el socialismo no debía ser abandonado sino que se debía ir al rescate y a la profundización de su inspiración democrática y popular. Ahora, los elementos distintivos aparecieron cuando intentaron definir – Fidel y Gorbachov – la originalidad del proceso socialista y sobre todo los caminos a escoger para su rescate. También apunta como aspectos distintivos: la actitud que se asume frente a los Estados Unidos y su hegemonía; el rescate del pasado cubano y la destrucción del pasado soviético, la *Perestroika* como factor de división y la Rectificación como factor de unidad, entre otros.

Colocando el sentido de la rectificación cubana, concluye aceptando que no es fácil conciliar las dos preocupaciones que aparecen simultáneamente como definición: la de afirmar la continuidad entre esta fase del proceso y las anteriores y la de corregir desviaciones muy graves

que han significado el abandono de una inspiración auténticamente socialista. Llama la atención como las causas que dieron origen a la rectificación no surgen de un balance negativo con el pasado (a su modo de ver), sino como necesidad de defender y enriquecer un patrimonio. La rectificación se presenta, pues, como un viraje en la historia de la revolución, marcado por una ruptura con las desviaciones existentes y rescatando el modelo originario. Tratándose, como dijera el propio Fidel, “de una revolución dentro de la Revolución (...) pero sosegada, pacífica, sin extremismos” (GIRARDI, 1998, p. 65). Especial atención ofrece a la ejercitación de la crítica y la autocrítica por parte de todas y todos, incluyendo Partido y Estado, donde prime la reafirmación del pueblo como sujeto.

Un aspecto interesante e importante, por él trabajado, es el referente a la emigración. Con el levantamiento de los hechos acontecidos el 5 de agosto de 1994, señala un punto delicado de lo que fue, a mi modo de ver, la válvula de escape en una olla de presión. Esto hace que admire los detalles expuestos en su descripción pero que difiera del análisis en cuanto a lo acontecido y a lo que generó. Define como aspecto más significativo de estos hechos: “la respuesta madura que le dieron juntamente la mayoría de la población y la dirección del país” (GIRARDI, 1998, p. 95); y coloca, a seguir, cambios que se han producido – tanto en la esfera cultural como en la política – con relación a la emigración. Apunta para una *aceleración del Proceso de Rectificación*, también derivada por la alerta de ese acontecimiento (5 de agosto de 1994); *implantación de nuevas medidas económicas*; y *la nueva calidad en cuanto al consenso hacia la Revolución*.

Con relación a toda su explicación, diría que tiene mucho a ver con la distinción marcada entre un discurso teórico y la diferencia en su práctica. Corroboro mi afirmación con el resultado de estos años (después de escrito el libro), donde los cambios en estos aspectos son muy poco perceptibles, si es que se pueden llamar de cambios.

Concluye calificando a Cuba como “laboratorio social” y coloca los quince años de institucionalización subalterna como un período que debe ser analizado y evaluado en el Proceso de Rectificación en andamio, para que su experiencia se invierta en la construcción del futuro.

En un segundo acápite Girardi parte de varias preguntas: ¿El materialismo Cubano es materialista y ateo?, ¿Es legítimo hablar de un Marxismo Cubano?, ¿Sería cierto hablar de Marxismo y Materialismo en singular o necesariamente hay que colocarlos en el ámbito plural?, ¿Es el materialismo revolucionario necesariamente ateo?, ¿Tiene fundamento la identificación de muchos cristianos con el proyecto de la Revolución? Para responder estas interrogantes Girardi aborda tres grandes temas: El

Marxismo Cubano, la relación entre el Materialismo Revolucionario y el Materialismo Ateo y la relación entre Marxismo Cubano y Materialismo Ateo.

Afirma categóricamente la existencia de un Marxismo Cubano, que deviene del pensamiento de muchos otros cubanos marxistas que antecedieron el período revolucionario, como es el caso de Carlos Baliño y de Julio Antonio Mella, que se unen al pensamiento de Fidel y del Che en una época posterior. Sin embargo, lo interesante en lo que atañe al marxismo cubano es que al interactuar con el marxismo-leninismo pierde su identidad. Esto puede observarse en las diferentes situaciones en que Fidel o el pueblo hacen referencia al marxismo. Esta referencia siempre es hecha como “marxismo-leninismo”, apuntando a una doctrina única y universal. Por otro lado, hechos demuestran que en múltiples ocasiones el marxismo que inspiró y se trabajó fue el marxismo cubano, por lo que ni fue totalmente erradicado ni dejó de marcar pautas significativas. Se desprende, entonces, nuevamente la polarización vivida en estos años, colocando ahora en los extremos dos modelos teóricos, que corresponden a dos proyectos revolucionarios y dos proyectos de socialismo; y que, en la práctica, ninguno de ellos se verifica en estado puro.

Siguiendo este sentido, pasa a abordar la distinción entre materialismo revolucionario y materialismo ateo, una vez más quién sucumbe es el revolucionario. El materialismo revolucionario que se califica como humanista y popular no excluye la espiritualidad sino que la postula. Explica esta dialéctica usando los presupuestos de Gramsci, su humanismo consecuente en contraposición con su ateísmo. Es por medio del pensamiento Martiano, en quien está presente el deseo de romper la alianza histórica entre cristianismos y poderes opresores, así como de superar la contradicción entre fe cristiana y compromiso liberador, que muestra cómo ese materialismo revolucionario puede ser rescatado.

Para concluir, Girardi nos trae, nuevamente, una otra distinción, ahora dada por el marxismo cubano y el materialismo ateo. El marxismo cubano no sólo tendrá que ser el rescate de un pensamiento autóctono y de un proyecto, apunta, sino también una tarea fundamental de la Rectificación. Pues, estará llamado a hacer frente a todas las tesis levantadas en “la época de la copiadera” (GIRARDI, 1998, p. 149), que diera origen a la implantación de un férreo materialismo ateo y que tanto daño hizo a las personas creyentes dentro del proceso. Girardi categoriza que entre ambos existe una inmensa contradicción y no una simple distancia teórica.

En la tercera parte, nos presenta como asunto “Marxismos y Cristianismo: conflictos y convergencias”. Inicia colocando contradicciones

que se dieron en la actitud de la revolución ante la experiencia religiosa. Entre las que encontramos:

- La revolución llamaba a todo el pueblo para la construcción de la nueva sociedad, y al mismo tiempo imponía una discriminación marcada contra los cristianos y cristianas.
- La revolución excluyó a los cristianos y cristianas del Partido Comunista, aún cuando éstos tenían una trayectoria revolucionaria.
- No se persiguieron las iglesias, pero se les impidió el acceso a medios de comunicación de masas, lo que representó una represión de su libertad de expresión.

Hay otros hechos que, en cambio, pudieran hablar de relaciones mutuas entre cristianos y la Revolución. Girardi coloca una secuencia de ellos: frases del Che, el recibimiento de la madre de Camilo Torres en la Isla, el hecho de la Revolución dar un gran apoyo al *Encuentro Continental Cristianos por el Socialismo* y el encuentro de Fidel Castro con cristianos chilenos, donde lanza la idea de una alianza estratégica entre Cristianos y Marxistas. Girardi coloca también, el problema de la hegemonía como clave de lectura del conflicto político entre cristianismo y revolución cubana. Trabaja este tema haciendo una panorámica de lo acontecido con la Iglesia Católica en los primeros años y alude a la opción de no discriminación tomada por la revolución. Esto trajo como consecuencia que las Iglesias Protestantes fueran tratadas de la misma manera.

Para concluir esta parte, Girardi presenta una pregunta crucial: ¿Podría considerarse Cuba como laboratorio teológico? Y ofrece una respuesta decididamente positiva. Veamos en que reposa su afirmación: “Cuba por ser un país donde se vive de manera excepcionalmente consecuente y combativa la opción por los oprimidos como sujetos, es un lugar privilegiado para la elaboración de una Teología de la Liberación. La opción revolucionaria por los oprimidos, se refiere al mismo tiempo a las personas, a los grupos sociales y a los pueblos, y en primer lugar al propio pueblo cubano” (GIRARDI, 1998, p. 199).

Avanza aún más en su colocación, cuando expresa que para dar más exactitud al término en su especificidad debía ser llamada “Teología de la Revolución”, que sería una reflexión que contaría con el aporte de todo el pueblo, incluyendo el valioso aporte de los marxistas no creyentes. Apunta también que “Esta relación entre creyentes y no creyentes ya se da en forma de diálogos, que son en realidad búsquedas comunes”. Continúa, de esta manera, presentando puntos por los que considera que Cuba puede ser laboratorio teológico en este momento, ejemplo: “la teología elaborada en el corazón de la praxis revolucionaria se convierte en una instancia

crítica profética, con respecto por un lado a la propia teología y, por el otro, a la revolución, con sus instituciones partidarias y estatales” (GIRARDI, 1998, p. 199).

Apuntes personales

Esta lectura parece que está marcada por “las contradicciones”. Comencé con una contradicción de alegría y tristeza. Girardi nos muestra que el pueblo cubano ha vivido cuarenta y cuatro años *de* y *con* profundas contradicciones. Y es con otra contradicción que llego a ofrecer mi parecer final. La explicación se desdobra en lo siguiente:

1) El autor nos muestra un camino bien definido para conseguir superar la experiencia de Europa del Este: “la verdad como mejor aliada...”, yo preguntaría, ¿Qué verdad? ¿La verdad de quién o de quiénes?

2) Con todas sus definiciones y “separaciones”, Girardi establece bien claro que una cosa es socialismo cubano y otra es socialismo real. Esto, según vimos, se debe a la separación de dos proyectos revolucionarios, de dos marxismos... y así. Sólo que el período de 1959 a 1969, en que primó el humanismo, el otro del 1970 al 1986, en que primó el materialismo-científico y ateo, y el último, que viene desde el 1986 hasta nuestros días y que intenta rescatar el humanismo atropellado, tienen una segunda parte. Ella está marcada por la experiencia y la vivencia de *Seres Humanos* que sufrieron todos estos cambios. Estas personas han demostrado, con las posturas de estos últimos tiempos, que decir adiós a la “copiadera soviética” ¡no es cosa ni simple, ni fácil! Entonces, discuerdo en presentar toda una historia en “prieto y blanco”, donde los buenitos sean los cubanos con su proyecto original y los malitos los soviéticos (ahora caídos) con todas sus tesis y teorías. Pienso que, si llamamos a la experiencia socialista de Real, Cuba entra en esa categoría y la única distinción que pudiera hacerse es que iniciamos de manera diferente y, hoy, se buscan otras vías para caminar con ese socialismo.

3) Soy de la opinión, que las causas de la Rectificación en Cuba, al contrario de lo colocado por Girardi, responden a un balance negativo con el pasado. De no haber sido así, no se hubiera decretado con tanta urgencia un proceso. La diferencia con la ex-URSS está en que nuestro pasado llevaba menos tiempo comprometido con la burocracia y el autoritarismo “en nombre del bien de todos y todas”. Por eso, podemos apelar a otros tiempos y proyectos.

4) Si buscamos la definición de revolución en el diccionario, vemos que es: acto o efecto de revolverse, revolucionarse (...) transformación radical y, por vía de regla, violenta... Girardi cita a Fidel convocando al

Proceso de Rectificación: “Hacer una revolución dentro de la Revolución (...) pero sosegada, pacífica, sin extremismos” (GIRARDI, 1998, p. 65). ¿Acaso los adjetivos sosegada y pacífica tienen que ver con revolución? Fidel sabe bien que no, por su propia experiencia. Es indiscutible que en Cuba no podía hacerse un cambio general radical, porque la otra opción, conocida, era el capitalismo y una vuelta a él no era deseada por la mayoría del pueblo. Sin embargo, podían haberse proporcionado “cambios radicales, drásticos” en sectores que precisaban, ejemplo las propias iglesias, y que han tenido que conformarse con la paciencia y la justificación que siempre ofrecen los procesos sosegados y pacíficos.

5) Con respecto a la posibilidad de Cuba cómo “laboratorio Social”, considero, como he expresado con anterioridad, que sería importante que cubanos y cubanas, sin exclusión, fueran o los científicos o las sustancias que generarían el producto y no, que en este laboratorio con alcance mundial, quedáramos convertidos en simples probetas.

6) Con relación a Cuba como “laboratorio teológico” y aún más como “laboratorio de una teología revolucionaria”, no soy tan optimista cuanto Girardi. Creo que Cuba primeramente tendrá que aprender mucho de las diferentes teologías existentes en el continente Americano (Liberación, Feminista, Negra, Gay etc); dedicándose, entonces, a buscar caminos internos más eficientes, donde prime la inclusión por encima de las diferencias que siempre van a existir.

7) Para una “Teología de la Revolución”, faltaría mucho más tiempo, pues aunque Girardi diga que ya existe diálogo entre cristianos y marxista, entre el Estado y el Consejo de Iglesias de Cuba, todavía ese diálogo es bastante insuficiente y refleja posiciones bien marcadas de poder desigual. Para la realización de cualquier trámite el Consejo de Iglesias de Cuba, tiene que pasar el pedido a un órgano del Comité Central del Estado: oficina de asuntos religiosos. Este será el encargado de pasarlo a instancias superiores y éstas, a su vez, decidirán si puede o no ser aprobado. Así acontece el diálogo actual, permeado por una burocracia y un poder de determinación centralizado.

Muchos otros serían los aspectos que pudieran ser valorados desde otra óptica, pero creo que los presentados son suficientes para demostrar lo que aún la Teología tiene que hacer en suelo cubano. No colocándose contra el proceso vigente, pero ciertamente contra todo lo que proceda de éste que atente contra la integridad y la vida abundante y plena del ser humano, porque la Revolución Cubana tiene muchas conquistas y virtudes, pero no es el Reino.

¿Violencia contra Religión o Religión contra Violencia en la Cuba Revolucionaria?

En las diversas ocasiones en que he sido invitada para hablar de mi país, la pregunta sobre “religión en Cuba” se ha manifestado de forma constante. Es como si, para las personas, no bastase o no les convenciese lo que hasta hoy se ha dicho, lo que han escuchado o lo que han leído acerca del tema. El presente artículo lo escribo, entonces, con el deseo de un nuevo dialogar, con la intención de traer parte de lo que hoy ya es historia, pero sobre todo, con la necesidad última de expresar puntos de vistas muy propios.

¿Violencia contra Religión?

Si nos detenemos a escuchar testimonios personales, de cubanas y cubanos, sobre religión en el período revolucionario, con facilidad se pudiera pensar que se nos está engañando. Esta afirmación radica en la diversidad de experiencias y explicaciones que obtendremos al respecto. Intentando elucidar lo antes expresado, queremos traer algunos posicionamientos que pueden encontrarse con relación al tema.

El filósofo Giulio Girardi nos ofrece, en su libro *El ahora de Cuba*, varios datos importantes:

1) La ubicación de homosexuales, sacerdotes, pastores y otros creyentes en la UMAP, “un servicio militar paralelo que se dedicaba a trabajos de campo y no a la defensa, porque las armas debían estar en manos de personas confiables” (GIRARDI, 1996, 135).

2) En la plataforma programática del Partido Comunista de Cuba se lee: “Entre las formas de la conciencia social se encuentra la religión, caracterizada por constituir un reflejo tergiversado y fantástico de la realidad exterior”. Planteamiento este que incluye algunas convicciones aquí expuestas (GIRARDI, 1996, 137):

- El revolucionario intelectualmente maduro es el que ha superado definitivamente la conciencia religiosa.
- La concepción religiosa del mundo (equivocada e ilusoria) se contraponen a la concepción científica.
- La concepción religiosa del mundo está destinada a desaparecer por el impacto de la acción revolucionaria y del progreso científico.

3) Fueron excluidos los creyentes de las filas del Partido y de la Juventud Comunista, (medida que coexiste con el llamamiento de creyentes y no creyentes en la construcción de la sociedad socialista) (GIRARDI, 1996, 138s).

4) Para ingresar a la universidad o a diferentes trabajos, había que llenar formularios donde se hacían preguntas muy precisas con respecto a las creencias y prácticas religiosas – ya fuesen éstas en el pasado o en aquel presente – en caso de la respuesta ser afirmativa significaría la negación de la carrera o la plaza, principalmente en el área de Psicología, Periodismo, Pedagogía y Filosofía (GIRARDI, 1996, 143s).

5) En las escuelas, los maestros identificaban y discriminaban a los alumnos que se manifestaran como creyentes, quedando así práctica y fe descalificadas (...) (GIRARDI, 1996, 143).

En correspondencia con lo anterior, está lo colocado por el Cardenal Jaime Ortega quien expresara en uno de sus artículos:

(...) Estas y otras situaciones similares fueron creando un clima que imponía serias limitaciones a la libertad de conciencia y de expresión de los creyentes, que se veían obligados, para evitar la discriminación a ocultar sus convicciones y a practicar una doble moral (...) falta circunstancial de sinceridad en el seno del pueblo cubano (...) <caretas>, es decir pensar una cosa y expresarse y comportarse de forma contraria a lo pensado (...). (ORTEGA, 1996, 45)

Obviamente basados en testimonios como estos, no nos quedarían dudas para afirmar la violencia a que fue sometida la religión. Sin embargo, hay otros pronunciamientos que también deben ser tomados en cuenta, el propio Fidel Castro afirma: “La revolución no tiene que reprocharse nada, ni lo más mínimo (...) la revolución ha respetado de manera plena los sentimientos religiosos” (GIRARDI, 1996: 237).

Ya Aurelio Alonso, en su libro *Iglesia y Política en Cuba*, haciendo alusión al documento final del V Encuentro Nacional Eclesial Cubano, apunta:

(...) la sociedad socialista (...) ha ayudado a los cristianos a tener una mayor valoración de la persona humana, adquirir una mayor conciencia de la persona humana; adquirir una mayor conciencia de la dimensión del pecado, en especial frente a determinadas formas de injusticia y desigualdad (racial, económica, etc). Nos ha enseñado a dar por justicia lo que antes se daba por caridad; apreciar mejor el trabajo, no solo como factor de la producción, sino también como elemento de desarrollo de la persona (...) propiciar una mayor entrega personal y ayuda solidaria a los demás. (ALONSO, 2002: 17).

Es incuestionable que, basándonos en las citaciones presentadas, la respuesta a la pregunta de si existió violencia contra la religión pudiera ser perfectamente un *sí* o un *no*, dependiendo sólo del testimonio que tomemos como argumento para ejemplificar. De manera que, tanto el *sí* como el *no* pueden aceptarse, ambos forman parte de la realidad cubana. Pero, ¿Cómo algo así puede ser posible? ¿Acaso cabe el *sí* y el *no* como respuesta para la interrogante sobre esa realidad?

Enrique Vijver, profesor de Teología de la Liberación en Holanda, para intentar conceptual *realidad* se vale de una interesante historia que pudiera auxiliarnos: *se trata del cazador que entra de noche en el bosque para cazar animales, llevando en sus manos un fusil y una linterna, todo animal que aparece iluminado por los rayos de luz casi con certeza muere, eso es lo único que puede describir el cazador cuando habla del bosque; diferente será el relato del biólogo que va en la busca de disímiles especies animales o vegetales durante el día, pero aún más diferente será, la apreciación de la pareja de enamorados que escoge, ese mismo bosque, como lugar de encuentro.* El *sí* y el *no* pueden ser independientemente posibles respuestas porque, en su individualidad, constituyen sólo aristas de las diferentes maneras existentes de percibir la realidad, de describirla. De ahí que, *percibir o describir la realidad* será siempre la selección de posibles experiencias.

Es decir, hay diferentes maneras de penetrar en el bosque, pero sobre todo, diferentes maneras de percibir lo que en realidad es ese bosque. Cuando pensamos describir la realidad, lo que conseguimos hacer es una descripción sólo de nuestra percepción selectiva de esa realidad. Por ello, cada uno de los testimonios presentados no son más que eso: *percepciones selectivas de cazadores, biólogos y enamorados.* La diferencia con la descripción de lo que puedan considerar ellos la realidad, se debe tan sólo, a la luz que les brindó su linterna, sin embargo, importante destacar que *se trata del mismo bosque.*

¿Religión contra Violencia?

Con el inicio de la década del noventa, cambios sustanciales de toda índole aparecen conformando el escenario cubano. Algunos de estos cambios responden al *Proceso de Rectificación de Errores y Tendencias Negativas*, iniciado cuatro años antes; otros, son el fruto de la crisis político, económico y social en la que Cuba se vio inmersa con la caída del Campo Socialista. Haciendo parte de estos cambios está el nuevo rostro que toman las relaciones *Iglesia - Estado* dentro del proceso revolucionario.

Paradójicamente, aunque le llamemos de cambios, porque de hecho lo son, considero que la década del noventa denota el anquilosamiento del proceso revolucionario. A mi modo de ver, este anquilosamiento responde precisamente a esa polaridad dicotómica que marca presencia constante en este período, donde de un lado se sitúa a todo lo revolucionario, lo verdadero, lo positivo, lo bueno; y de otro, aparece lo contrarrevolucionario, la mentira, lo negativo, lo malo. Esta polaridad traza un eje central y ofrece sólo espacio para una “izquierda” autosuficiente y una “derecha” siempre condenada.

La religión en Cuba, que en la década del 70 las encuestas gubernamentales la colocaban en vías de extinción, constituye también reflejo de ese anquilosamiento, esta vez de visión. Si en el ámbito público esto parecía evidente: templos cerrando, membrecía reducida, trabajo eclesial limitado al interior de su edificación; la cotidianeidad del ámbito privado refleja un pueblo imbuido en lo trascendente: llámese dios, llámese santo, llámese “el sin nombre”. Así, imágenes ocultas en portarretratos, velas encendidas dentro de los armarios, señales de la cruz apenas perceptibles, bautizos escondidos o visitas a casas de consulta durante la madrugada colocan un lente diferente, que pudiera servir como corrector de la miopía del gobierno en esta época.

Han pasado más de diez años y todavía Cuba continúa insistiendo en esa polaridad, así establece su referencial de diálogo, así traza sus lineamientos, así toma sus decisiones. Así también, continúa colocando como auténtico y legítimo lo que se presenta como público, desvalorizando y minimizando la vivencia en lo privado, en otras palabras, la miopía continúa! Es esa visión estrecha la generadora de la violencia que en nombre del “bien común” se sigue respirando. La religión en Cuba, como ya hemos dicho en otras ocasiones, deberá escoger entre el camino cómodo de decir “amén” sin cuestionamientos y con justificaciones o el de oponerse a todo lo que limite o deturpe la vida plena y abundante del ser humano.

Concluyendo...

Volvamos a Vijver y enfatizamos que “se trata del mismo bosque”, sí, no nos engañemos pensando que la polaridad puede ser normativa, que los seres humanos en su cotidiano entran fácil en esa dicotomía que nos viene desde Platón. La capacidad que tenemos, como humanos, de pensar, así como la voluntad que nos acompaña para sobrevivir hablan más alto. Un mismo bosque, en el que decir que existen los mismos árboles, que todos los pájaros cantan la misma melodía, que los animales aman comer una

misma fruta y donde lo interno es tan acogedor que sería impensable desear extrapolar sus fronteras es además de ilógico, irreal.

Cuba, tiene en sus manos la posibilidad de ser diferente, de marcar diferencia pero desde la misma diferencia. Ya dimos el primer paso colocando los espejuelos que permiten una visión corregida, no nos los quitamos a conveniencia ni dejemos que nuevos humos empañen los cristales. No continuemos perdiéndonos en categorizaciones, esquemas o conceptos absolutos, hegemónicos y excluyentes. Aceptemos la pluralidad, y propugnemos una unidad sí, pero una unidad desde la diversidad que nos permite ser más auténticos, sinceros, libres y plenos.

Cuba y el Diálogo Interreligioso

Escribir sobre el diálogo interreligioso en Cuba, durante el período revolucionario, es tratar de un tema del que pudiera decirse que mucho se ha hablado y poco se ha escrito. Son muy escasos los artículos o libros publicados que hicieron alusión al tema antes de 1990.

Después de esta fecha, puede apreciarse un aumento de la producción académica relacionada con esta temática, no sólo en las tesis escritas por estudiantes del Seminario Evangélico de Teología de Matanzas, o intelectuales vinculados al Centro Martin Luther King, Jr (ONG), sino también por parte de investigadores pertenecientes a instituciones estatales¹.

No puede decirse que este aumento de la producción académica fue en ningún sentido homogéneo, ni en relación a como abordaban el tema, ni en la posición con que pretendían dar continuidad al diálogo cuando existente. Si por un lado, una parte se manifestaba a favor de un rescate del diálogo y veía en ello la posibilidad de las religiones contribuir a superar la crisis que el país atravesaba; Otra parte, dentro del mismo cristianismo, apuntaba a lo “satánico” que cualquier tipo de diálogo interreligioso podría representar, principalmente con relación a las religiones afrocubanas.

El pasar de los años no trajo, simultáneamente, un crecimiento con relación al diálogo interreligioso cubano. Si bien es cierto que no pudiera hablarse de un retroceso, tampoco sería feliz hablar de grandes conquistas. Similar situación atravesaron las publicaciones que versaban sobre el tema. El vocablo *macroecumenismo*, con el que se incitaba al diálogo entre las religiones, parece ocupar hoy un lugar diferente.

La orientación revolucionaria

Con el triunfo de la revolución, en el año 1959, las religiones en Cuba sufren una conmoción general. El país vivió cambios drásticos a nivel cultural, social, político e ideológico y en esa drasticidad las religiones no quedaron al margen. Años de grandes tensiones y continuos embates sucedieron al triunfo. Las religiones se vieron obligadas a ir abandonando

¹ Puede citarse a Aurélio Alonso Tejada, Juana Berges y René Cárdenas.

los espacios que les fueron prohibidos y a caminar junto a un proyecto que las condenaba diariamente al fracaso y la desaparición.

A raíz de celebrarse el Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba en el año 1975, es editado por el Departamento de Orientación Revolucionaria del Comité Central el siguiente documento “Sobre la política en relación con la religión, la iglesia y los creyentes”. Esta edición, en forma de folleto, poseía once ítems como índice: “1. La concepción marxista leninista acerca de la religión; 2. La cuestión religiosa en nuestro país; 3. Los puntos esenciales de nuestra política; 4. La revolución y la Iglesia Católica; 5. Los cambios en la situación internacional y su reflejo en las iglesias y los creyentes; 6. Nuestras relaciones con la Iglesia Católica; 7. Nuestras relaciones con otras iglesias cristianas (no católicas); 8. Los Testigos de Jehová; 9. La secta Bando Evangélico de Gedeón; 10. Los cultos sincréticos y 11. El ateísmo: una conclusión científica”².

El primero de sus ítems – después de realizar una explicación de la concepción marxista-leninista acerca de la religión, y aún citando a Frederick Engels, en el Anti-Duhring, cuando ataca al filósofo E. Duhring por pretender que en la sociedad socialista se prohibiera la religión – concluye diciendo: “(...) para el Partido, cuyo fundamento filosófico es el materialismo dialéctico y el materialismo histórico, la religión no es un asunto privado, pues entre sus deberes está el actuar de modo que las masas gradualmente, en el curso de la lucha activa por la nueva sociedad, se liberen de las creencias religiosas”³.

En el segundo ítem la cuestión religiosa es polarizada, de manera dicotómica colocan dos aspectos centrales: “las relaciones con las iglesias” y “la actitud ante la religión como ideología”. El punto está de tal forma elaborado que aparentemente se cae en la trampa de ver estos aspectos como si pudieran ser tratados por separado y lo más alarmante es que no sólo constituye una cuestión de “expresión” sino que a partir de su publicación quedó establecido como lineamiento a seguir.

El primer aspecto alude a la libertad de conciencia, el derecho de los creyentes a practicar el culto de su religión, consideración igual con respecto a todas las religiones, los derechos y deberes del ciudadano con creencias religiosas que no difieren de los ciudadanos que no las tienen, etc. Ya el segundo aspecto afirma que “la política del Partido descansa en el presupuesto de que la lucha por una conciencia social, científica,

² Sobre la política en relación, p. 31.

³ Sobre la política en relación, p. 8s.

materialista y libre de prejuicios y supersticiones está subordinada a la batalla por la construcción de la nueva sociedad y por la consolidación de las correspondientes relaciones socialistas, batalla en la que han participado, participan e indispensablemente deben participar creyentes y no creyentes, religiosos y ateos”⁴. De manera que, en la misma medida en que se dicta que no puede haber discriminación de la persona creyente y se le incluye “indispensablemente” en la construcción por la nueva sociedad, se le excluye y llega a ser “el Otro” cuando se trata de la lucha por una conciencia social científica y materialista.

Un tercer ítem señala “puntos esenciales” y entre ellos aparecen: “El Partido se esfuerza (...) por librar a las masas de los dogmas y supersticiones religiosas y de los prejuicios por éstas engendrados”⁵. También se lee: “Ciencia y religión se oponen irreconciliablemente”⁶ y “El partido orienta la más amplia utilización de los medios y métodos de educación, sobre la base del actual tesoro de conocimientos científicos, como condición y premisa del éxito de la labor dirigida a superar concepciones ilusorias y falsas (...) Debe primar el criterio de que al promover la unión combativa de los trabajadores contra los enemigos de clase (...) se contribuye decisivamente a eliminar el caldo nutritivo principal de la religión”⁷. Por otro lado, se hace referencia a la imposibilidad de creyentes pertenecer al Partido y a la Unión de Jóvenes Comunistas, así como “considera indispensable la formación de un personal docente adecuado (...) que maestros y profesores desenvuelvan sus actividades de modo tal que no se deformen o tergiversen, desde la docencia, el expresado objetivo de una enseñanza enteramente libre de concepciones o puntos de vista extraños a la ciencia”⁸.

Con relación específicamente a la Iglesia Católica, el cuarto ítem alude a los reaccionarios que dentro de la misma cometieron hechos contrarrevolucionarios en los primeros años después del triunfo. Y con relación al éxito de la revolución en este enfrentamiento dice: “esta victoria política (...) fue lograda con el concurso de los creyentes honestos de las diversas religiones (...) hoy en día son menos los ciudadanos que asisten a los oficios religiosos, los que efectúan matrimonios religiosos y bautizos

⁴ Sobre la política en relación, p. 11s.

⁵ Sobre la política en relación, p. 12.

⁶ Sobre la política en relación, p. 14.

⁷ Sobre la política en relación, p. 14.

⁸ Sobre la política en relación, p. 16.

(...) si la iglesia antes era débil en cuanto a influencia en las masas trabajadoras, ahora esta influencia es aún menor”⁹.

El ítem cinco hace referencia a los cambios en la situación internacional y al reflejo de estos cambios en las iglesias y los creyentes y dice: “una profunda e irremediable crisis sacude en la actualidad los cimientos mismos de la Iglesia (...) factores decisivos en el surgimiento de esta situación son, de un lado, el carácter mismo de la época histórica en la que destaca el radical cambio en la correlación de fuerzas entre el capitalismo y el socialismo a favor de este último (...) y como ejemplo inculcable de fuerza de las victoriosas ideas del marxismo leninismo, se alza el ejemplo de los países de la comunidad mundial socialista, que avanzan sin crisis en todos los órdenes y que, con su potencial, han hecho del socialismo y del comunismo una realidad irreversible y en incontenible crecimiento”¹⁰. En otro párrafo aparece: “cabe precisar que la ciencia y la técnica, con su espectacular desarrollo y descubrimientos, marca cada día victorias del género humano que reducen a polvo tradicionales conceptos teológicos y sitúan la ideología religiosa en una encrucijada de continuo deterioro (...)”¹¹.

Para hacer alusión a las relaciones de la revolución con la Iglesia católica, ítem seis, se expone la relación que mantenían con grupos cristianos y clérigos de diversos países de América, así como con diferentes agrupaciones políticas de izquierda cristiana. Resalta además la posición de rechazo al bloqueo y a las agresiones imperialistas que estos grupos han manifestado. Finalmente apunta: “Nuestro Partido, fiel a su responsabilidad continental, mantiene las posiciones que sobre este punto ha reiterado su Primer Secretario, compañero Fidel, en el sentido de que no sólo es posible sino conveniente promover y consolidar la alianza con los sectores cristianos mencionados (...)”¹².

En el ítem siete hacen referencia a las relaciones con otras iglesias cristianas, “no católicas”. Relatan como estas iglesias, que tienen sus matrices en los estados Unidos o en Inglaterra, participaron en la campaña contrarrevolucionaria de los primeros años y sufrieron la misma derrota. Señalan que suman al todo cuarenta, entre iglesias y sectas, y que en todas, “excepto Testigos de Jehová, Adventistas del séptimo Día y otros

⁹ Sobre la política en relación, p. 18.

¹⁰ Sobre la política en relación, p. 18s.

¹¹ Sobre la política en relación, p. 20.

¹² Sobre la política en relación, p. 24.

grupúsculos insignificantes”¹³ se registran contradicciones y choques entre los que apoyan y respetan el proceso revolucionario y los que se le oponen o se muestran indiferentes. Con relación a esto se escribió: “debe considerarse como positivo (...) que lo mejor y más honesto de esas feligresías venga sin reservas al campo de la revolución y el socialismo (...) en el ámbito de algunas iglesias llamadas protestantes, se operan cambios de innegable interés. En las mismas se destacan dirigentes religiosos identificados públicamente con la Revolución (...) El Partido aprecia como positiva la acción de estos dirigentes eclesiásticos (...)”¹⁴.

Al mencionar los Testigos de Jehová, en el ítem ocho, se dice que entre las sectas es ella la que mantiene una actitud más fanática e irracional, al tiempo en que la colocan como cuna de la contrarrevolución. “Las prácticas contra la salud de los ciudadanos, las acciones destinadas a entorpecer las producciones necesarias a la economía del país, la actividad contra la educación patriótica de la niñez, los intentos de evadir las obligaciones militares son conductas delictivas y penadas por la Ley (...) El que transgrede la Ley, sea o no sea Testigo de Jehová, es sancionado por los tribunales (...)”¹⁵.

En el ítem nueve, haciendo referencia a lo que denominan como secta “Bando Evangélico de Gedeón”, colocan “se desmorona paulatinamente a los impulsos del desarrollo educativo y cultural (...) Sin caer en el rechazo mecánico en bloque, se debe proceder en forma más o menos individualizada con el objetivo de atraer a los que por sus características personales sean capaces de sumarse a la labor en que está empeñado nuestro pueblo trabajador”¹⁶.

Las religiones Afrocubanas son denominadas, en el ítem diez, Cultos Sincréticos, y sobre ellos se dice: “El respeto hacia el derecho de los ciudadanos a practicar sus creencias religiosas se extiende, desde luego, a los que siguen los cultos sincréticos – supervivencias de religiones africanas fundidas con elementos del catolicismo – con los mismos deberes que se observan todos los demás cultos (...) Los valores culturales folclóricos – música, danza, instrumentos musicales, etc. – que aporten las etnias representadas en estos grupos, deben asimilarse, depurándolos de

¹³ Sobre la política en relación, p. 25.

¹⁴ Sobre la política en relación, p. 26.

¹⁵ Sobre la política en relación, p. 27.

¹⁶ Sobre la política en relación, p. 28.

elementos míticos, de manera que la utilización de sus creencias no sirva al mantenimiento de costumbres y criterios ajenos a la verdad científica”¹⁷.

El ítem once deja a manera de cierre *El ateísmo: una conclusión científica* y señala: “la correcta actitud ante los creyentes, la incorporación de éstos a las tareas prácticas de la construcción del socialismo (...) ayudará a dichos creyentes a librarse de cualquier superstición que les estorbe a la realización de los fines verdaderamente humanista de la sociedad que construimos (...) La práctica revolucionaria social y la difusión de la verdad científica libera al hombre material y espiritualmente (...) nuestro ateísmo no es una premisa ni un fin en sí mismo, es una conclusión científica y un medio para afirmar la conciencia socialista de los trabajadores y el pueblo (...) las masas (...) al recibir la información científica necesaria, llegarán a la misma conclusión”¹⁸.

Todo lo antes expuesto nos lleva a formularnos la siguiente pregunta: ¿Sería pertinente referirnos a un diálogo interreligioso en ese período de la revolución? La bibliografía consultada no permite que se hable con propiedad sobre la existencia de un diálogo interreligioso durante esos años, aunque tenemos conocimiento de que en diferentes lugares este diálogo se dio por algún tiempo, como es el hecho de la Iglesia Episcopal en la ciudad de Camagüey. De manera ninguna se pretende afirmar que el diálogo no existió, pero sí decir que quizás estuviera tan solapado como la propia religión.

Por otro lado hacer referencia al vocablo “diálogo”, en esa etapa, sería jocoso, con lo que se expresa en el documento analizado de lo menos que se puede hablar es de diálogo. Se llama a una unidad sí, pero desde la igualdad, con un modelo hegemónico y excluyente al que todos y todas un día deberían pertenecer. Una unidad que no sólo condena la diversidad sino que la deslegitima e intenta anularla. Una unidad que desconoce la alteridad, y sólo percibe al Otro cuando piensa y actúa de acuerdo con la necesidad que siente de modificarle.

El propio documento deja trasparecer una escala de “consideración” y “trato” diferente a las religiones. Pudiera afirmarse que en una mejor situación quedaban los denominados Cultos Sincréticos, los que aún cuando irrespetados al señalar “depurándolos de los elementos míticos” son más “permitidos” por “los valores culturales folclóricos – música, danza, instrumentos musicales, etc. – que deben asimilarse”. En esta *escala de aceptación* le siguen los protestantes, quizás por el hecho de que “debe

¹⁷ Sobre la política en relación, p. 29.

¹⁸ Sobre la política en relación, p. 30.

considerarse como positivo (...) que lo mejor y más honesto de esas feligresías venga sin reservas al campo de la revolución y el socialismo”. Ya en niveles inferiores se encontraba la propia Iglesia Católica Romana, privilegiada con relación a las denominadas “sectas”, pero en igual situación que éstas si tomásemos las categorías contrarrevolución e infractoras de la Ley. Cuando hay *escala de aceptación* hay privilegios, cuando hay privilegios hay concesiones, cuando hay privilegios y hay concesiones se torna muy difícil establecer el diálogo.

Este es el escenario presente antes de que la década del noventa hiciera su entrada. Contra algunas de estas colocaciones, leyes, estatutos, discriminaciones se había iniciado en 1986 un *Proceso de Rectificación de Errores y Tendencias Negativas*. Conocido popularmente como *Período Especial*, el inicio de esta década mudó totalmente la configuración entre la Religión y la Revolución¹⁹.

Período Especial, la revolución y las religiones

El año 1990, caída del campo socialista e inicio del Período Especial en Cuba, trajo una relación, entre el gobierno y las iglesias, totalmente diferente a la anterior expuesta. Si por un lado, la crisis aguda y generalizada hacia que el pueblo todo se uniera en pro de la sobrevivencia²⁰, por otro, con la caída del campo socialista y, de hecho, la evaporación de la certeza de que dicho campo fuese “una realidad irreversible y en incontenible crecimiento” el gobierno se realizaba serios cuestionamientos y buscaba otros horizontes norteadores.

Esta nueva coyuntura trajo al panorama cubano un “suelo fértil” para el diálogo interreligioso. Al tiempo en que las religiones todas crecían sin igual magnitud, el diálogo entre ellas se daba más en sentido de la “práctica a la teorización” que de la “teorización a la práctica”. El cotidiano de crisis favoreció, en los primeros años, la acción y el diálogo entre las religiones, pues el momento histórico no concedía muchas opciones y todas las religiones se enfrascaban en una tarea común: suplir las necesidades básicas e minimizar el sufrimiento. Así, las religiones, por medio de donaciones, suministraron al pueblo productos de primera necesidad: medicamentos, ítems de aseo personal, alimentos etc, así hermanos en la fe se acompañaron en los momentos de hambre, de llanto

¹⁹ Para ampliar esta afirmación puede leerse Aurélio A Tejada (2002) y Giulio Girardi (1998).

²⁰ Puede ampliarse con Nivia Ivette Núñez de la Paz (2004).

y de desespero. Pero este diálogo interreligioso de corte “práctico” no perduró por mucho tiempo.

Pasados los momentos más drásticos de la crisis, las denominaciones comenzaron a dar prioridad a otras preocupaciones, como la necesidad de mantener a sus miembros y también de crecer. En este nuevo contexto el ataque y el discurso de descalificación jugaron un rol determinante. Comenzaron a aparecer frases como “Iglesia Verdadera”, “Religión Verdadera”, y el proselitismo se instauró como receta de “salvación”. Iglesias Cristianas comenzaron a “demonizar”, “diabolizar” y “exorcizar” principalmente a las religiones afrocubanas, y a considerar mundanas a otras iglesias cristianas cuyos comportamientos no fuesen “santos” según sus criterios. Es en este tiempo de tensiones cuando el diálogo interreligioso es promovido académicamente.

Instituciones como el Consejo de Iglesias de Cuba (CIC), el Centro Martin Luther King, Jr (CMMLK) y el Seminario Evangélico de Teología (SET) comienzan a promover eventos en las diferentes provincias que llamaban a un *macroecumenismo*. Interesante que en estos eventos muchas de las personas que participaban dejaban claro que no estaban representando a la “institución” religiosa de la cual formaban parte y sí, que participaban a título personal (Girardi, 1998, p. 273). Infelizmente estos encuentros no perduraron por mucho tiempo, aún cuando no han dejado de realizarse en algunos espacios el movimiento *macroecuménico* no alcanzó el respaldo ni el despliegue deseado y esperado.

Romi Marcia Bencke, estudiante luterana brasilera que realizaba intercambio en el SET, durante el año 1996, se reúne con investigadores de las religiones afrocubanas, y con diferentes líderes religiosos y como resultado de su investigación escribe: “Pistas para un diálogo entre la santería y las Iglesias”, en este trabajo Romi alude a la necesidad de que el pueblo cristiano cubano descubra, a través del propio estudio de la Biblia, la postura pluralista de la revelación y la salvación de Dios y que con esa descubierta se abriera para un diálogo, una confraternización y un intercambio que sobrepasase las fronteras del cristianismo.

Giulio Girardi, filósofo y teólogo italiano, también desenvuelve una amplia investigación sobre el tema y es uno de los que promovió los encuentros *macroecuménicos* que se dieron en Cuba a partir del año 1996. Girardi da testimonio escrito de cómo estos encuentros fueron ocurriendo y, especialmente, deja documento evaluativo de los “pros” y los “contras” que tanto las religiones cristianas como las religiones afrocubanas

podieran llevar a la hora de unirse en un diálogo interreligioso cubano²¹. Girardi alude al macroecumenismo indoafrolatinoamericano, que surge alrededor de 1992, en el contexto de las contracelebraciones de la conquista, catalogado como popular y que debe servir de ejemplo y al mismo tiempo como espacio inclusivo para el macroecumenismo cubano.

A manera de conclusión puede decirse que Cuba continúa siendo un lugar importante para que el diálogo interreligioso alcance un destaque mayor del que hoy ocupa. La historia nos muestra que hasta el momento, este diálogo interreligioso cubano, ha pasado por etapas que son similares a las olas del mar que rodea la Isla, continuos movimientos de “vaivén”. Unas veces con olas más violentas, otras veces con olas más serenas, pero lo importante es que el movimiento ha sido continuo y constante. Hay religiosos y religiosas interesados en el diálogo, hay instituciones apostando en el diálogo, con ello todas las más disímiles posibilidades estarán abiertas.

²¹ Puede ampliarse con Giulio Girardi (1998, p. 273-278 y 283-290).

Cuerpo, Cotidiano, Fotografía, Lenguaje: Análisis Semiótica de Imágenes Paradas

El presente artículo intenta destacar el valor de la interpretación fotográfica en la pesquisa del cotidiano, rescatando el lenguaje sutil de los cuerpos y resaltando su importancia para la investigación. Deviene del análisis semiótico realizado a diversas fotografías y secuencias del filme cubano *Fresa y Chocolate* y persigue ser una invitación al uso de imágenes para el estudio, la investigación y la interpretación de la cotidianeidad (NUÑEZ DE LA PAZ, 2004, p. 80ss).

Con la pretensión de conocer la teoría semiológica se analiza lo escrito por Pedro Gilberto Gomes. El autor afirma que fue Saussure quien propuso el estudio del sistema del signo lingüístico como parte de una ciencia más amplia, que él designó *semiologia* ciencia que estudia la vida de los signos en el seno de la vida social. El sistema del signo lingüístico sería el modelo para el análisis de otros sistemas de signos (GOMES, 1995, p.40). Sin embargo, Gomes también afirma que es Barthes quien ofrece la explicación más clara y útil de esta nueva disciplina con relación al análisis de imágenes paradas (GOMES, 1995, p.41). Importante sería además señalar que en las imágenes, a diferencia del lenguaje, los signos están presentes simultáneamente y sus relaciones sintagmáticas son espaciales y no temporales¹.

En igual sentido Gemma Penn señala que, el hecho de emprender un análisis semiológico pudiera ser descrito como una disecación, seguida por la articulación o la reconstrucción de la imagen semanticizada, teniendo como objetivo, tornar explícitos los conocimientos culturales necesarios a fin de que el lector comprenda la imagen. Gemma propone, para realizar este tipo de análisis, un modelo que consta de cuatro pasos: *Escoger el material*, realizar un *inventario denotativo*², analizar los niveles más altos de significación: *connotación*³, y por último, *construir el relato* (PENN, 2002, p. 325-33). Veamos en qué consisten cada uno de estos pasos.

¹ Ampliar esta temática – Semiotica y Semiologia – com S. Pierce (1976-1984), R. Barthes (1985) y con Gomes, (1995, p. 39-56). Puede verse además John Deely (1990), Jeanne Martinet (1983), J. Teixeira Coelho Neto (1990), Mattelart & Mattelart (1999) y Gemma Penn (2002).

² Es donde sólo se necesitan conocimientos ligüísticos y antropológicos (PENN, 2002, p. 324).

³ Es donde, además, se necesitan conocimientos culturales (PENN, 2002, p. 324).

Escogiendo el Material: Escoger el material significa prestar atención a aquello que en la misma medida que nos cautiva nos parezca extraño, es decir aquello que nos lleve a preguntarnos por detalles de los cuales no se pueda obtener respuestas de inmediato.

Inventario denotativo: Para realizar el inventario denotativo se hace imprescindible que hagamos una lista de los elementos presentes en nuestro material de análisis sin permitir que ningún detalle quede desechado. Dicho de otro modo, se trata de la catalogación del sentido literal del material.

Análisis connotativo: Este paso consiste en construir a partir del inventario denotativo que se ha hecho analizando niveles más altos de significación, es decir, entrando en la etapa connotativa. Es, de cierta forma, realizarle a cada elemento una serie de preguntas, que también, estarán relacionadas entre sí: ¿Qué es lo que *tal* elemento connota (que asociaciones son traídas a la mente)?, ¿Como los elementos se relacionan unos con otros (correspondencias internas, contrastes, etc.)?, ¿Qué conocimientos culturales son exigidos a fin de leer el material?

Relato: “La explicación semiológica afina y vuelve explícito aquello que está implícito en la imagen” (PENN, 2002, p. 336), de esto precisamente se trata la etapa de construcción del relato. Se inicia el análisis comentando el contenido superficial o *significante* de la foto escogida y luego se trabaja develando su contenido interpretativo o *significado*. Para concluir con un relato que explicita los hallazgos que emergen de la imagen interpretada.

Análisis semiótica de la fotografía escogida

Para el análisis optamos por la foto donde aparece Nancy, uno de los personajes centrales del filme, prestes a cometer suicidio⁴.

Hacer el inventario denotativo a partir de los planos de cámara nos facilitará el proceso de aprehensión. En el primer plano se observa una mujer, adulta, de cabello castaño y corto, sin maquillaje en el rostro, con facción triste y ojos cerrados. Usa una blusa de color rojo y tiene una soga alrededor del cuello. Su cuerpo ocupa el centro de la fotografía pero su imagen aparece sólo del tórax hacia arriba y ladeada, dando la espalda para la izquierda y el frente para la derecha (según posición del lector).

⁴ Esta fotografía se encuentra en 01:20:15 de la cinta de video.



Escena del intento de suicidio de Nancy en la película Fresa y Chocolate

En un segundo plano se observa, bien a la izquierda, una puerta, vieja, abierta, por donde entra la claridad que ilumina la espalda de Nancy, seguidamente y de manera no tan expuesta, se percibe una jaula de pájaros, cerrada y sin ningún animal adentro. La pared del fondo es de color oscuro. A la derecha se distingue un cuadro que resalta porque su tonalidad es más clara con relación a la pared donde se encuentra. El cuadro es un afiche, azul, que en su parte superior tiene una palabra con letras grandes, blancas, y debajo de esta palabra hay cuatro hombres, dos más altos y dos más bajos, todos elegantemente vestidos con trajes oscuros, sus rostros están alegres. Los dos hombres de la parte superior tienen una de sus manos levantadas como saludando, o en señal de triunfo. Apenas imperceptible una planta, con abundantes hojas de color verde, aparece en la esquina derecha, viniendo desde la parte de abajo.

Analizando los elementos textuales, lingüísticos y visuales, percibimos que en el lingüístico aparece el sustantivo propio: *Beathles*, ya en el visual se puede observar uniformidad tanto en el tipo de letra utilizado como en el color. Esta palabra se encuentra ubicada en la parte superior del afiche.

Entrando en la etapa connotativa y realizando la pregunta de ¿qué es lo que cada elemento connota?, podemos argumentar que la puerta vieja y abierta por donde entra luz puede apuntar al Proceso Revolucionario Cubano. Nancy por la edad que representa, la postura que tiene y la blusa de color rojo, lleva a pensar en una de las personas que militaba o,

simplemente, era parte del propio proceso revolucionario. La jaula de pájaros nos remite a ambiente cerrado, sofoco, prisión. El afiche de los *Beathles* hace que recordemos la época en que sus músicas estuvieron prohibidas en Cuba, constituyendo motivo de sanción bajo la pena de diversionismo ideológico a la persona que las escuchara.

Cuestionando la relación entre los propios elementos y los conocimientos culturales necesarios para interpretarlos nos viene a la mente la relación de Nancy con el afiche. Si tomamos en cuenta la fecha que el filme trabaja, 1979, era bien difícil que alguien tuviera como adorno en su casa, un afiche de los *Beathles*, precisamente por el hecho de ser algo prohibido. Aún más extraño resulta que, ese alguien, sea quién ocupe el cargo de vigilancia en su CDR⁵.

Relato

Nancy, imagen central en la fotografía, representa la persona adulta común o tal vez militante, decepcionada y triste. El colocarla del tórax hacia arriba nos apunta a un cuerpo mutilado y la soga al cuello alude a quien está al borde de la muerte, quién aparentemente no encuentra otra salida para su situación actual. Nancy es la responsable de vigilancia y pretende suicidarse, en un país donde el suicidio es visto como acto de cobardía. Quizás esta sea la imagen que represente a toda una generación que entregó lo mejor de sí, soñó con un futuro más seguro, más estable, más tranquilo, y trabajó para ello. Algo que no sucedió.

La puerta vieja, abierta y por donde entra la claridad, puede estar apuntando al Proceso Revolucionario Cubano, más aún cuando viene desde la posición izquierda y emanando luz radiante. En la misma posición se encuentra la jaula de pájaros cerrada, como símbolo de la prisión que resultó, para varias personas y en diversos sentidos, este proceso. Nancy está dando la espalda a la claridad, a la luz que emerge de la puerta, también a la jaula. Nancy da la espalda al propio Proceso Revolucionario.

Nancy se encuentra de frente a la parte derecha de la fotografía, en la misma dirección, pero detrás de ella, un afiche de los *Beathles* que muestran con un color azul, de cielo, una imagen triunfante. Hay una planta que brota desde una posición inferior, como algo que está naciendo, que está llegando. Nancy con sus ojos cerrados puede simbolizar el miedo, la desconfianza de eso “desconocido” o “conocido” que está llegando o regresa: el capitalismo de mercado.

⁵ Comités de Defensa de la Revolución.

Si tomados por separado cada uno de los elementos de la fotografía: mujer ahorcándose, afiche de los Beatles, una planta, una puerta vieja, una jaula de pájaros, difícilmente pudiera pensarse que juntos conforman un escenario fotográfico. Sin embargo ahí están, están de manera sutil anunciando o denunciando. Las personas que han visto el filme saben que personajes como Diego (homosexual discriminado) o David (militante con amistades no gratas al sistema) tendrían muchos más motivos aparentes para el suicidio que la propia Nancy, lo que hace que nos preguntemos: ¿Por qué ella? ¿Por el hecho de ser mujer?

Por otro lado, está la ironía contrastante de unos Beatles que fueron en un pasado objeto de sanción y represión y un John Lennon que inmortalizado en estatua de bronce ha sido colocado, recientemente, en un parque de la capital cubana. Estatua privilegiada que tiene un vigilante, pago veinte y cuatro horas, para cuidarle. Imprescindible apuntar que tales cambios se dan en un período no mayor de cuarenta años lo que implica que sean las mismas generaciones las que tienen tal experiencia vivencial.

De manera que, el análisis semiótico, por su poder comunicacional implícito y explícito puede considerarse una herramienta profética. De tal herramienta deberán hacer uso aquellas personas que precisen investigar o develar sistemas complejos de relaciones, aquellas que necesiten primero desconstruir para después reconstruir. Investigadoras o investigadores que deseen o necesiten realizar una lectura social con instrumentos de análisis diferentes y no menos eficientes.

Específicamente en el caso cubano, donde lo real y verdadero es lo que se legitima por el Estado, la utilización de este valioso referencial teórico pudiera ser el contrapunto que convoca a un debate tal vez inaplazable. Si bien es cierto que cada año, desde 1959, ha sido un combate constante al “fantasma del exterior”: llámese bloqueo, llámese embargo, llámese caída del Campo Socialista, llámese Estados Unidos; también es cierto que urge buscar modelos diferentes para desterrar los “fantasmas internos” que en igual magnitud, desde el 1959, nos acompañan y nos han producido tanto daño.

El anquilosamiento del Proceso Revolucionario Cubano

El Proceso Revolucionario Cubano se encuentra atravesando, desde 1990, su más aguda crisis. Las causas que se señalan son, el bloqueo que por más de cuarenta años los Estados Unidos sostiene contra Cuba y la Caída del Campo Socialista donde el país se vio sin el cumplimiento de la mayoría de los acuerdos firmados, principalmente, en el área económica. Sin embargo, sospechamos que existe una tercera causa que, unida a las anteriores, aparece configurando la crisis: *el anquilosamiento del Proceso Revolucionario Cubano*. Pensamos entonces que, al detectar y señalar elementos que apunten tal anquilosamiento, estaremos ofreciendo aristas para suscitar cambios en la situación actual.

Sería importante señalar que quien escribe es una cubana, que nació y pasó la mayor parte de su vida en esa realidad que pesquisó. De manera que, nuestra posición “observadora investigadora” no es neutral, es desde ella que sentimos la inquietud por el tema, el deseo de aportar a una discusión que es bien actual y la necesidad de contribuir a formular, o por lo menos señalar, modelos alternativos más inclusivos y humanos. Fue una disertación de maestría que nació de la experiencia. Que en lugar de medir cual posición estaba más cerca de “la verdad” o de “la realidad”, se preocupa en presentar simplemente *una* verdad. Una realidad en medio de todas las otras verdades y realidades. Por ello, no es un trabajo que presenta algo absoluto o definitivo, es un trabajo que devela “una parte” de un todo mucho mayor y más complejo.

Recuento investigativo

Al realizar un levantamiento histórico cubano, donde se priorizó el período revolucionario y se enfatizó, especialmente, en el conflicto que se mantuvo entre la Religión y la Revolución, nos percatamos de que, para guiar la pesquisa, se hacía necesario un referencial teórico que además del trabajo con el cotidiano y la sospecha nos permitiera hacer uso de la experiencia. Fue así que optamos por el referencial teórico feminista: sospecha, experiencia, cotidiano, desconstrucción-reconstrucción, público/privado se usaron en el intento de hacer hablar *otra* verdad, la que emerge de testimonios personales, cartas, escritos no oficiales. Ante la imposibilidad de que se legitime esa otra verdad por parte del Proceso

Revolucionario Cubano, se buscó en las obras de arte el auxilio para continuar investigando.

La sociología de las obras de arte transmite la certeza de ser, el arte, además de determinado por lo social, un instrumento que ejerce un papel fundamental en la transformación de ese social. Por tanto, se tomó como *signos vitales* que en la Revolución Cubana podían hablar más allá de lo que se legitima por parte del Estado. Para la interpretación escogimos el filme: *Fresa y Chocolate*, por nacer en tiempo de crisis, por la posibilidad real de su exhibición ser prohibida y por mantenerse ausente de los medios de comunicación televisiva por muchos y muchos años. Se procuró, además, con la ayuda de las ciencias de la comunicación, entender cómo se concibe en Cuba el proceso mediático.

Para el análisis semiótico optamos por imágenes paradas (fotografía) e imágenes en movimiento (secuencia). Esta selección no fue aleatoria, tanto las fotografías cuanto las secuencias escogidas mantenían una estrecha relación con lo que la pesquisa había arrojado en capítulos anteriores. Tal procedimiento hermenéutico develó un Proceso Revolucionario Cubano anquilosado, 1. Por no abolir la *sociedad patriarcal*, 2. Por instaurar y mantener un *modelo social dicotómico*, así como, 3. Por quedar convertido en *otra religión* del mismo tipo que, en sus inicios, pensó combatir. Estos elementos que denotaron el anquilosamiento no los consideramos únicos, pensamos que muchos otros podrían desprenderse de futuras investigaciones preocupadas con el tema.

Con sabor a Fresa y Chocolate

El Proceso Revolucionario Cubano está anquilosado. Esta fue la conclusión a que arribamos después de la interpretación que realizamos del cotidiano, haciendo énfasis en el análisis del filme *Fresa y Chocolate* y pautados por la metodología de la sospecha.

La forma en que fue tratado por el Estado cubano el conflicto de la Revolución y la Religión: *combatiendo, excluyendo e ignorando* al Otro (religión) “modelo de actuación” que años más tarde se repite en la relación del propio Estado con las personas que decidían abandonar la Isla (gusanos) se mantiene presente, en la actualidad, con las personas que son denominadas como disidentes. El Proceso Revolucionario Cubano, por diferentes motivos, ha tenido que aceptar de una u otra forma a los excluidos del pasado (religión y gusanos) sin embargo, puede observarse que, lejos de volverse más inclusivo continúa aferrado a un esquema de dirección hegemónico, centralizado, totalizador y discriminatorio. En este sentido está anquilosado como proceso, y mucho más, como proceso revolucionario.

La teoría feminista, en este caso la teología feminista, puede ser utilizada para desvendar procesos sociales que minimicen y violenten a los seres humanos. Por el hecho de trabajar con la hermenéutica crítica, la sospecha, el cotidiano, la experiencia, por valerse de categorías de análisis como público/privado, por usar la metodología de la desconstrucción-reconstrucción fue y es un referencial teórico privilegiado para la investigación académica. En nuestro trabajo, específicamente, sirvió para traer a la luz esa otra verdad silenciada que también forma parte del cotidiano cubano anquilosado.

El gobierno cubano no conoce los Estudios Culturales, continúa viendo el proceso comunicacional solamente como un proceso de dominación, donde el receptor es simplemente objeto, un ente pasivo, fácil de manipular. Por ello es quien determina que puede ser visto, o no, por la población. Desarrolla un paternalismo compulsivo prohibiendo y legislando a lo que se puede, o no, tener acceso en materia de comunicación y medios.

Las obras de arte constituyen un reflejo de la sociedad donde emergen y, en igual magnitud, ellas son capaces de contribuir a la transformación de ese social. Por eso merece que desde la academia se le brinde una mayor atención al trabajo investigativo donde se tomen como instrumentos u objetos de pesquisa. Principalmente la utilización e interpretación del elemento visual por su alto potencial de sentido simbólico. Al seleccionar el filme *Fresa y Chocolate* imaginamos que el trabajo con los diálogos marcaría la pesquisa, más tarde constatamos que al dirigirnos en ese sentido no más estaríamos patentizando lo ya apuntado por el censo común. Fue allí, en lo visual, denotado y connotado, desde donde emergieron los elementos para confirmar nuestra sospecha: una Cuba anquilosada.

Cuba, sociedad patriarcal. Las mujeres en Cuba, salvo raras excepciones, no son registradas por la historia escrita. Si bien es cierto que varias conquistas fueron alcanzadas en la revolución con relación a las mujeres, se percibe que en el ámbito privado continúan siendo inferiorizadas, violentadas, esclavizadas, moldeadas y evaluadas por los patrones que les impone la propia cultura machista y androcéntrica. El lenguaje utilizado en los centros de formación, por las diferentes organizaciones existente y por el propio gobierno es un lenguaje machista, sexista, patriarcal y androcéntrico. Cuarenta y cinco años y todavía “todos”, “hombres”, “padres” y “el masculino en general” continúa siendo lo plural y normativo en el lenguaje, y por tanto, en la convivencia.

Cuba, un modelo social dicotómico. El Estado cubano establece un eje bipolar para el comportamiento social. Coloca y legitima de un lado

lo revolucionario, lo positivo, lo bueno, lo ejemplar, lo fuerte; del otro, lucha y combate contra todo lo que se presente como antónimo de lo legitimado. El Proceso Revolucionario Cubano (PRC) debe aprender, con urgencia, que los dualismos, aunque desde Platón nos acompañan, no sustentan la convivencia humana. Los dualismos y las dicotomías, destruyen, dividen, generan violencia, deshumanizan. El PRC debe aprender, con urgencia, que no existen seres humanos fuertes y débiles, que cada ser humano es un poco fuerte y un poco débil en dependencia del momento, la situación o el día, que somos simultáneamente justos y pecadores. El PRC debe aprender, con urgencia, que el débil (según su concepción) es capaz de dar lecciones mejores y mayores en determinados momentos, como nos demuestra el propio Diego en el filme que acabamos de analizar.

Cuba, la religión Revolución. El Estado cubano en combate a la religión alienante acabó convirtiéndose en una de ellas. La búsqueda de *Otro Marx* y el levantamiento hecho desde las ciencias de la religión nos permitieron percibir con más claridad cómo se fue moldeando esta situación. La secuencia trabajada parece señalar que a pesar del intento de acabar con la religión, ella siempre estuvo presente y en constante enfrentamiento. Denuncia, además, al Marx que llegó para que Dios no continuara siendo “opio del pueblo”, ¡el Marx que usurpó su espacio y continuó repartiendo la dosis! Recurrir a Ivone Gebara y aprender de la nueva teología a que hace referencia, *la teología de prácticas liberadoras*, que es *unitaria* (revela la absoluta originalidad de cada persona y la imposibilidad de reducir un ser a otro), *reconciliadora* (es el propio ser humano el que puede ser cuerpo de pecado y cuerpo salvo y no, como se piensa, partes de lo humano), *pluridimensional* (aprehende la presencia de Dios en las diferentes dimensiones de lo humano, del cosmos, en fin, de todo el universo) y de *relacionalidad* (asegura que no hay una jerarquía que preestablece la superioridad de unos en relación a otros, que es el propio hecho de existir y de necesitarnos unos a otros el que nos sitúa en el nivel de la relacionalidad) pudiera traer a la luz una enseñanza diferente, más en sintonía con el mensaje cristiano. De esta teología tanto el Estado como la iglesia en Cuba deberían aprender.

Para el PRC debe quedar claro que antes de un compromiso con los Progresistas del Mundo, antes de un compromiso con los del Continente Americano, está el compromiso con cada mujer o hombre que lo conforma; con cada anciano y anciana que soñó, permaneció y entregó lo mejor de sí; con los niños, las niñas, y la juventud que en la actualidad se forman y educan. Por ese compromiso, se torna indispensable el esfuerzo, la visión corregida y la búsqueda incansable de modelos alternativos más inclusivos, más plenos y más humanos.

¡Danza en descompaso: Cuba, Máscaras, Mitos y un cotidiano profético!

Había una vez...

Fue a partir de 1959, con el triunfo de la Revolución Cubana, que se sucedieron una serie de cambios drásticos en ese territorio. Imposible negar que dichos cambios fueron de manera general en beneficio de la mayor parte del pueblo, afirmando con todos ellos lo que había sido declarado por su líder, Fidel Castro: “Esta es una revolución de los humildes y para los humildes”¹.

Era verdaderamente la Revolución del pueblo. La desigualdad empezaba a tornarse situación inadmisibles, todos y todas tenían los mismos derechos y deberes sin ningún tipo de distinciones. De ahí que apareciera, a diario, la ejecución de proyectos o la implantación de medidas que hacían palpable todo lo que con anterioridad se declaraba. Entre ellas podemos citar: La Ley de confiscación de los bienes mal habidos; el llevar a los tribunales de justicia a los responsables por las torturas y crímenes que se habían cometido; La rebaja de las tarifas eléctricas; La anulación de leyes del anterior gobierno que beneficiaban a las empresas transnacionales (como la telefónica); Se rebajaron los alquileres; Se instauró la Primera Ley de Reforma Urbana; Se realizó la Reforma Agraria; Se llevó a cabo la Campaña de Alfabetización, y de igual manera, se priorizó la construcción de hospitales, policlínicos y escuelas, sobretodo en zonas rurales, donde éstas se unían a la construcción de caminos (BETTO, 1995, p. 195, 197 y 207).

Sin embargo, al mismo tiempo que el pueblo, con desbordante entusiasmo, se envolvía en el proceso, y los líderes guiaban y velaban con celo lo que se iba alcanzando, Cuba se convertía para el resto del mundo, en aquel volcán que, sin previo aviso, había entrado en erupción con una fuerza incalculable. Representando, para el entonces actual Campo Socialista, otra de sus victorias; y para el área capitalista, principalmente los Estados Unidos, el aguijón que les hincaba y desenmascaraba a través de una verdad: “contra ellos, sí se puede”.

¹ Discurso pronunciado por Fidel en la Habana, enero de 1959. Disponible en: <www.granma.cu>.

De ahí que ambos, socialistas y capitalistas, comenzaran a trazar sus proyectos. Los primeros, viendo la revolución como aquella que acababa de nacer y tendría que ser protegida por sus semejantes ¡sobre todo si aún así, desde el inicio, podía representar tanto para la comunidad²! y para los segundos, también aquella que por descuido nació... pero, que ¡de manera ninguna podía continuar viviendo! Así, la Revolución Cubana tuvo que lidiar con estas realidades, que conllevaron a una serie de tensiones durante todo su crecimiento y desarrollo.

Pero un día...

De las diversas medidas tomadas por la Revolución, dos de ellas marcaron principalmente el inicio del embate entre la Religión y el Estado: *Reforma Urbana* y *Reforma Agraria*³. Las primeras divergencias que pasaron a posteriores conflictos y enfrentamientos políticos fueron especialmente con la iglesia Católica Romana⁴. Sin embargo, la opción, por parte de la Revolución, de mantener una línea de “no-discriminación” fue la que llevó a establecer reglas de carácter general, que incluían también a las iglesias Protestantes⁵ y otros sectores.

Se tuvo allí el comienzo de una nueva etapa en las relaciones Religión-Estado, etapa que marcó e influyó enormemente en el posterior pensamiento y en el actuar de los líderes de la Revolución. Si bien las situaciones cambiaron y las condiciones se fueron haciendo otras, la mentalidad de los dirigentes no avanzó; vieron, cada vez con más fuerza, en la Religión y en los creyentes, un evidente “peligro interno” para el Proceso Revolucionario Cubano (PRC). Esta cuestión se vio reforzada con la incorporación explícita, a la ideología del partido y del estado, del ateísmo científico y por ende a la cultura y la educación revolucionarias,

² Cuba, por su posición geográfica, representa un punto estratégico.

³ “(...) los problemas surgen con las Leyes revolucionarias”; “(...) las tensiones con la Iglesia comienzan cuando la revolución choca con todos estos sectores privilegiados”. “(...) porque realmente estos sectores quisieron utilizar a la Iglesia de instrumento contra la revolución” (BETTO, 1995, p. 2003, 2078).

⁴ “(...) surgen cuando las escuelas católicas, debido a su carácter clasista, se convierten en centros de actividades contrarrevolucionarias, promovidas por la CIA.” (GIRARDI, 1996, p. 132). Ver también Frei Betto (1995, p. 215).

⁵ Un ejemplo lo tenemos en: “(...) no estaba establecido que íbamos a nacionalizar las escuelas privadas. Los conflictos en aquel periodo originaron la necesidad de la nacionalización, pero no se discriminó, no es que se nacionalizó la escuela Católica, se nacionalizaron también las escuelas protestantes y laicas privadas, todas fueron nacionalizadas (...)” (BETTO, 1995, p. 215).

quedando expresada formalmente en las actas del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba y en la Constitución de la República en 1976 (GIRARDI, 1996, p. 136). Giulio Girardi, lo explica haciendo referencia a dos tipos de conflictos: el político⁶ y el ideológico⁷:

Conflicto Político: como ejemplo podemos referirnos a la posición de la iglesia Católica en los primeros años, y a la expulsión, en septiembre de 1961, de 131 sacerdotes y religiosos involucrados en actividades contrarrevolucionarias graves.

Conflicto Ideológico: los conflictos de tipo ideológico estallan en el momento en que la Revolución se proclama socialista, asumiendo como referencia ideológica el “marxismo - leninismo”.

Aún así, al pueblo cubano, nunca le faltaron canales para el desarrollo de su religiosidad y la expresión de su fe. De una u otra manera siempre, religiosidad y fe, formaron parte activa de la vida cotidiana pero, si nos atrevemos a corroborar esto, implicaría también estar asumiendo que durante la década del 70, principalmente, cuando el resultado de las diversas encuestas realizadas arrojaba un insignificante número de personas con creencias religiosas, la mayor parte de la población estaba mintiendo en ellas⁸.

De ahí que cada vez más, las personas fueran ganando un adiestramiento majestuoso en este tipo de proceder. Sabían que era la forma más prudente de comportamiento y desenvolvimiento en la sociedad; al menos, la que les evitaba el tener que enfrentarse “a los problemas”. Por ende, la afiliación a una determinada denominación quedó desplazada por las disímiles formas particulares y ocultas de vivir la fe. Las iglesias comenzaron a quedar con los bancos vacíos y su trabajo llegó a verse restringido al interior de su edificación.

⁶ “(...) estos conflictos tienen un carácter claramente político (...) la iglesia combate la revolución, primariamente, para defender su poder moral, político y económico, por consiguiente se convierte en defensora de las antiguas clases dominantes y del imperio (...) por eso, las medidas de la Revolución que afectan a la Iglesia, la golpean (...) como enemigo político (...)” (GIRARDI, 1996, p. 132s).

⁷ “(...) conflicto que no se limita a una contraposición de ideas, sino que conlleva a una contraposición en el campo cultural y en el campo educativo, con graves consecuencias en la vida social, por cuanto discrimina al creyente, no sólo a nivel legal y burocrático, sino también a nivel psico-social, condenándolo a la condición de ciudadano de Segunda Categoría y excluyéndolo de la plena participación en la construcción de la nueva sociedad (...)” (GIRARDI, 1996, p. 134s, 137ss y 143).

⁸ “(...) pero sí desconfío de la sinceridad de las respuestas, debido a las presiones contra la fe y la iglesia (...)” (CÉSPEDES, 1995, p. 20).

Sin embargo, lo peor no sólo fue que las personas decidieran abandonar los templos y que la mentira se tornara el fundamento del: estar bien con la sociedad y continuar manteniendo su creencia; sino, que tal proceder – esa salida fácil – comenzó a tornarse puerta de escape para todas aquellas situaciones con las que no se estaba de acuerdo pero, que al mismo tiempo, se sabía que no se realizarían cambios en ellas por el hecho de criticarlas, y sí conducirían, a quienes lo hicieran, a quedar “señalados” o “señaladas”⁹.

Y nos fuimos acostumbrando...

Y nos fuimos acostumbrando con que Zenaida no supiera más de su esposo y criara sola a su hija porque, simplemente, el corte de las relaciones entre Cuba y los Estados Unidos le cogió al señor Aldo fuera de la isla.

Y nos fuimos acostumbrando con que Alberto y Elia no visitaran más la iglesia de la familia porque, simplemente, el yerno que vino a vivir con ellos era dirigente de la Unión de Jóvenes Comunistas y podían perjudicarlo.

Y nos fuimos acostumbrando con que el nivel de vida de Raúl tenía que ser superior porque, simplemente, era el primer secretario del Partido Comunista de Cuba en el municipio.

Y nos fuimos acostumbrando con que Rafael perdiera su trabajo en el INIT porque, simplemente, el día de la inspección encontraron unas gramas a menos en los quesos que vendía.

Y nos fuimos acostumbrando con que Odelinda no pudiera trabajar ni en la “casa de la cultura” ni en la “cocina del círculo infantil” porque, simplemente, era bizca.

Y nos fuimos acostumbrando con que Patoyo perdiera el trabajo y pasara a ser “observado” porque, simplemente, comunicó su deseo de no vivir más en el país.

Y nos fuimos acostumbrando con que Elvira dijera la prueba a sus alumnos porque, simplemente, lo importante era la promoción.

⁹ Vocablo muy utilizado, significaba que ante cualquier reclamo o crítica sobre la manera en que era dirigida o se desarrollaba la sociedad, el sujeto que la/o hiciese quedaba como un “inconforme”, un “inadaptado”, un “amigo de buscar problemas”, llegando en las situaciones más delicadas a ser tachado de “contrarrevolucionario”.

Y nos fuimos acostumbrando con que Diamelys no pudiera entrar más al hotel que ayudó a construir a los 11 años de edad porque, simplemente, los tiempos cambiaron y ella no era ni dirigente, ni jinetera, ni extranjera.

Y nos fuimos acostumbrando con que Héctor mandara a varones a tirar latas de agua para que hembras limpiaran a las 22h en una beca donde se tenía actividades de campo y docencia durante el día porque, simplemente, era el director que mantenía el pre-universitario más conceptualizado según el municipio de educación.

Y nos fuimos acostumbrando con que Danilo, secretario docente respondiera: “suerte que tuvo ella” al ser cuestionado sobre un fraude de escalafón porque, simplemente, estaban envueltos altos funcionarios de las organizaciones políticas.

Y nos fuimos acostumbrando con que Arnaldo ocupara el puesto de jefe del ejército occidental después de su pésimo desempeño en Angola porque, simplemente, su “especie” tenía ese tipo de “caídas”.

Y nos fuimos acostumbrando con que Gladys no pudiera disfrutar del Cristino Naranjo porque, simplemente, sus padres eran trabajadores de la comunicación y no pertenecían al ministerio del interior.

Y nos fuimos acostumbrando con que Eddy muriera tras décadas sin hablar con su única hermana porque, simplemente, ella escogió ser “militante” y la hermana escogió ser “gusana”.

Y nos fuimos acostumbrando con que el actor José Manuel nunca recibiera papeles importantes en programas de TV porque, simplemente, llegó al ISA sin padrinos y salió graduado sin todavía tenerlos.

Y nos fuimos acostumbrando con que estudiantes cubanos de intercambio en Dresden regresaran a Cuba sancionados porque, simplemente, hicieron críticas al sistema que consideraron “atinadas”.

Y nos fuimos acostumbrando con que el asma matara a Dilsa y a Mavis porque, simplemente, estábamos en “*período especial*” y lo importante era no cerrar los hospitales.

Y nos fuimos acostumbrando con que Adriana o Gilberto nunca llegaran a la otra orilla después de atravesar el mar porque, simplemente, era, de manera exclusiva, “*su responsabilidad*”.

Y nos fuimos acostumbrando con que Lesbia no quedara nunca como doctora destacada de los Consultorios del Médico de la Familia porque, simplemente, ella no inventaba cifras.

Y nos fuimos acostumbrando con que personas íntegras como Quicho fueran cuestionadas y falsamente denunciadas porque, simplemente, verdaderos corruptos querían desviar la atención.

Y nos fuimos acostumbrando con que José Enrique se diera el lujo de mantener a una persona esperando un *sí* o un *no* – de permisión para entrar a la playa – durante más de 12 horas en las afueras de su oficina porque, simplemente, era el Presidente del Poder Popular del pueblo. Vale colocar que aún, después de varios años, todavía se espera la respuesta.

Y nos fuimos acostumbrando con que Alina y Orestes vivieran en una sala de aula de la escuela donde trabajan porque, simplemente, somos un país sin recursos.

Y nos fuimos acostumbrando con que las personas no pudieran discordar o criticar porque, simplemente, somos un país amenazado.

Y nos fuimos acostumbrando con que es chévere vivir de donaciones porque, simplemente, somos un país bloqueado.

¡Infelizmente... *nos fuimos acostumbrando!*

¡Patria o Muerte! ¿Venceremos?

Diario de una cubana, agosto de 1993.

6h:00 – despierto gracias al sol. Hace más de un año mi despertador se rompió sin la esperanza de arreglo y mucho menos de “comprar otro” en las tiendas. ¡Tiendas! ¿Tiendas? ¿Eso existe?!

6h:05m – me lavo la cara siguiendo el consejo de “maquillistas” para mantener el cutis en buen estado, *sin jabón*, paso el cepillo sobre mis dientes con el fin de que el “agua sola” logre arrastrar las secreciones del sueño.

6h:15m – con deseo de tomar el desayuno *no* voy al comedor pues un buen vaso de “agua con azúcar” es fácil de tomar en la cocina.

6h:20m – Como dice el dicho “barriga llena, corazón contento”, así, Feliz!!!, llego al cuarto para vestirme y me encuentro con que ...me gustaría ponerme el vestido a rayas pero hace quince días, más o menos, lo usé y por falta de jabón o detergente no lo he podido lavar, ...tal vez el vestido rojo...Ah! Ahora que recuerdo está por planchar ¡pero con los cortes de corriente!... no importa repitamos la ropa de ayer y así se ahorra, ¡no huele tan mal! Al fin y al cabo *para no tener desodorante*, no puedo quejarme.

Ya vestida me acerco al espejo para maquillarme: ¡Dios mío! ¡Que ojeras!, ¡la falta que hace por la madrugada un ventilador! Con esta ropa me pegaría una sombra de color, de color... deja coger esta misma que ya

es la única que me queda. ¡El creyón! Saco el creyón y me deprimó al ver que tiene tan poco, “señores y que la mitad del sueldo del mes pasado se lo dediqué a eso”. Me pinto casi sin pasarlo por los labios porque *tengo que ahorrar*. No existe mucha diferencia entre la que empezó y terminó de maquillarse pero... no vamos a echarle la culpa al “*no hay*” mejor decimos “no puede haber diferencia porque, soy yo”.

6h y ... – Esperaba que el locutor de *Radio Reloj* me dijera la hora de salida de mi casa pero *acaba de irse la corriente*. No importa, como no he hecho mucho más de lo que hago a diario supongo no sea tarde para llegar al trabajo.

6h:45m – Camino despacio y *no pienso*, de vez en cuando sonrío y es que a diario, a esta hora, me enorgullece vivir en un pueblo tan pequeño, compadeciendo de todo corazón a aquellos que vivan en grandes ciudades y para trabajar dependen de una guagua.

¡Al fin llegué al trabajo! No hay problemas, estoy en hora, aún la cara del jefe de personal es sonriente. Me extiende el libro y yo me apresuro a firmar, con esto, claro, ¡estoy asegurando el cobro! Me siento en aquel buró rodeado de semejantes y deseoso de que alguien se le ocurra limpiarlo, y escuchando el *no tengo, no pude, no hay, ¿tú tienes?, ¿tú me prestas?, etc., etc., etc.*, se me va “alegremente” la mañana.

12h:00 – De regreso a casa trato de cantar, en realidad deseo tener la mente ocupada con el texto de una canción para lograr un retraso en los síntomas del *shock*.

12h:30m – Abro la puerta y suelto de inmediato los “cómodos zapatos”, sí, porque desde pequeña me gusta andar descalza...”no existe otra razón para lanzarlos”.

Como persona con buenos hábitos sanitarios voy al baño y dejo *caer agua sobre mis manos* para hacerme *la feliz idea* de que me las lavé. Así, *limpiecita*, llego a la cocina y ... recuerdo al simpático muñequito de *Jotabich*, que con sólo arrancar un pelo de su barba conseguía lo que quería. Lamento, claro, el no tener su barba! Hoy la cosa no es tan desesperante, de ayer quedó un poquito de harina y también arroz, ¡qué maravilla! Pero...se me ocurre algo mejor, le grito a mi vecina y efectivamente, logramos entre las dos aumentar el menú: ¡apareció el aguacate! Así, “bien llenitas” nos acostamos a reposar el a l m u e r z o pero...uf! ¡que calor! Y todavía nada de corriente.

13h:30m – Salgo nuevamente hacia el trabajo, ahora tarareo, *sin propósitos de ninguna clase, La Internacional*.

14h:00 – ¡¿Cómo mirar con mala cara al buró?! No, ¡no se lo merece! De no existir él ahí, yo a fin de mes no tuviera dinero, y si no tuviera dinero

tampoco tuviera creyón. ¡*Pienso en eso y me siento en él con cariño!* Por suerte ahora las interrogantes cambian, porque si tuviera que escuchar las mismas de la mañana sería horrible: ¿en tu casa había corriente? ¿se nos irá a nosotros esta noche? ¡Caballero, no almorcé, pero lo que más me preocupa es que no sé qué haré de comida!...

17h:30m – ¡¡¡Al fin!!! Hora de salida. No, cantar...que va, ahora más que todo agradezco la existencia de la inercia que me permite llegar de nuevo a mi hogar.

18h:20m – ¡Que bien se está bajo la ducha!, ¡Que agua tan rica! ¿a quién se le ocurrió decir un día que para el baño era imprescindible *el jabón?*... ¡Pobre toalla!

18h:40m – Y ahora nada de implorar a la ciencia, *no*, en este momento hay que implorar a la magia. Con este entrenamiento en el próximo *Congreso de la ANIR* no hay quien me quite el premio. Con temor de que se me acabe el medio dedo de petróleo que me queda no pongo a cocinar los frijoles, *sí, ¡porque los tengo!* ...para que estamos a *día tres*. ¡La cuota, señores, es la cuota! ¡Y después hay quien se queja! Bien, pongo mi arrozito y preparo el poquito de picadillo de soya que aún he conseguido guardar... *tremendo atracón*. Me siento a la mesa, para no perder la costumbre, y tomando otro vaso de agua con azúcar digiero felizmente los alimentos.

19h:40m – ¡Que bien! ¡Cómo me gusta que me quiten el agua a esta hora! Ja, ja, así ni friego, ni me lavo la boca.

20h:00 – Vamos aprovechar para ver el noticiero que hoy *sí tenemos corriente*.

21h:30m – ¡Al fin, la novela! Mira que esta muchacha está trabajando bien!...Eh! ¿Qué pasó?... ¿y por qué?...

Sin alterarme tomo el teléfono, *que aún tiene tono*, y después de discar el número deseado pregunto amablemente: ¿compañera que ocurrió?, hoy a esta zona no le tocaba... sin terminar mi pregunta una voz dice: Una emergencia!

Despacito... coloco el teléfono en su lugar, evitando cogerla con el inocente aparato. Dando tumbos llego hasta el cuarto y me tiro en la cama dispuesta a dormir. ¿Alterada? NO,... total si después de todo es mejor así, porque mañana ¡hay que trabajar! *Rezo como de costumbre y pido a Dios, no que esto mejore o que cambie, no, ¡yo no pienso en cosas tan tontas!* Yo sólo pido que mis ojeras, mañana, no hayan aumentado de tamaño.

Danza en descompaso...

Danzo, danzo, danzo, y siento que vuelo aún estando atada al piso. Danzo los pasos de un bolero con ritmo de reguetón, danzo un cha chá chá, un mambo, una rumba, una conga con ritmos de vals. Danzo y en mi danza diviso en las alturas *militantes, vanguardias, dirigentes, escogidos, elegidos, preferidos...* sí son ellos... los buenos de siempre, los *revolucionarios*. Danzo, danzo y en mi danza veo tirados en el suelo a los malos, a los más malos... *gusanos* de ayer y *disidentes* de hoy, aquellos acusados de recibir del imperio, son los *contras*!

Danzo, danzo en la izquierda... ¿siempre fue ese el lugar asignado?

Danzo y en mi danza de ojos cerrados leo a Girardi... nuevamente un “europeo” es quien escribe la historia, ¡la Historia!, ¿¡la HISTORIA!? Leo también a Frei Betto, ¡nuevamente un extranjero! Ambos, no abordaron temas inéditos, ni siquiera su labor fue la de descubrir, ellos simplemente tuvieron el deseo de investigar, el permiso para ese tipo de investigación, el acceso a personas casi inaccesibles, la capacidad de sistematizar, y finalmente, obvio, la posibilidad de publicar. Frei Betto escucha, interroga, escribe reinterpretando la vivencia ya interpretada por otro. Girardi es más osado, va dando “recetas”, sólo que estas recetas se pierden en la dicotomía de un socialismo cubano “buenito” que como único error se le apunta “la copiadera soviética” y un Este europeo “malito” que carga todas las responsabilidades finales de fracaso.

Danzo, danzo, danzo... y varias son las preguntas que me vienen a la mente: ¿Cuántas personas escriben en Cuba? importante destacar que se trata de un país que erradicó el analfabetismo y donde el promedio de conocimiento del ciudadano/a alcanza ya no menos del noveno grado¹⁰ ¿De las que lo hacen, cuántas son conocidas? ¿Cuántas son mujeres? ¿Cuántas tienen la posibilidad de publicar sus textos? ¿Quién decide qué texto podrá ser publicado y cuál no?

Quiero desplazarme, desplazarme pero algo me ata... continúo en la izquierda! Escucho aquel ritmo demasiado conocido y al son de él, como siempre, continúo la danza... Fidel Castro, primero de Mayo del 2003¹¹:

¹⁰ Cf. Discurso pronunciado por el Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, en el acto por el Día Internacional de los Trabajadores “Cuba y el Nazi-fascismo”, efectuado en la Plaza de la Revolución, el primero de Mayo del 2003. Disponible en: <<http://www.granma.cubaweb.cu>>.

¹¹ Discurso de Fidel Castro. Disponible en: <<http://www.granma.cubaweb.cu>>.

- Los que creían que el ascenso del imperio a la condición de única superpotencia, cuyo poder militar y tecnológico no tiene contrapeso alguno en el mundo, produciría miedo o desaliento en el pueblo cubano, no tienen otra alternativa que asombrarse ante el valor multiplicado de este valeroso pueblo.
- Sus alumnos de primaria [refiriéndose a Cuba] ocupan el primer lugar del mundo en conocimientos de lenguaje y matemáticas. Ocupa igualmente el primer lugar mundial en maestros per cápita y alumnos por aula. La totalidad de los niños con dificultades físicas o mentales estudian en escuelas especiales.
- Las sedes universitarias se extienden ya progresivamente a todos los municipios del país. Jamás se produjo en ninguna otra parte tan colosal revolución educativa y cultural, que convertirá a Cuba, por amplio margen, en el país con más conocimientos y más cultura del mundo, aferrada a la profunda convicción martiana de que “sin cultura no hay libertad posible”.
- La mortalidad infantil se ha reducido de 60 por mil nacidos vivos a una cifra que fluctúa entre 6 y 6,5. Es la más baja del hemisferio, desde Estados Unidos a la Patagonia. Las perspectivas de vida se han elevado en 15 años. Una profunda revolución se lleva a cabo para acercar los servicios médicos a la población, a fin de facilitar su acceso a los centros de asistencia, preservar vidas y aliviar dolores. Cuba es hoy el país con el más alto índice de médicos per cápita; casi duplica el número de los que la siguen detrás.
- Nuestra televisión, radio y prensa no practican la publicidad comercial. Cualquier promoción está dirigida a cuestiones de salud, educación, cultura, educación física, deporte, recreación sana, defensa del medio ambiente; a la lucha contra las drogas, contra los accidentes u otros problemas de carácter social. Nuestros medios de difusión masiva educan, no envenenan ni enajenan. No se rinde culto ni se exaltan los valores de las podridas sociedades de consumo.
- Fue barrida la discriminación de la mujer, que hoy constituye el 64% de la fuerza técnica y científica del país.
- No existe culto a ninguna personalidad revolucionaria viva, como estatuas, fotos oficiales, nombres de calles o instituciones. Los que dirigen son hombres y no dioses.
- Pasan de dos mil los heroicos combatientes internacionalistas cubanos que dieron su vida cumpliendo el sagrado deber de apoyar la lucha de liberación por la independencia de otros pueblos hermanos (Aplausos). En ninguno de esos países existe una propiedad cubana.

- Ni siquiera Cristo, que expulsó a latigazos a los mercaderes del templo, dejaría de optar por la defensa del pueblo (Aplausos).

¿Qué ritmo es ese? ¿No era yo la que danzaba? ¿Dónde estoy?

¡Estoy en el centro del salón! Y ahora la música viene de la trompeta, ¿mambisa? Con los dedos leo, leo y danzo, leo cartas que no sin miedo fueron cedidas¹².

- No puedes imaginar desde cuando estoy por escribirte, pero realmente es en la noche cuando tengo más posibilidad y ya para entonces no puedo con el cansancio. En el trabajo cada día piden más, solamente en la parte económica tengo que hacer más de cinco informes semanales y cuando es cierre de mes la cifra se duplica, para entregarlos me ponen transporte, pero de todas formas no deja de ser una esclavitud pues toda la semana y el mes, en general, tengo que estar trabajando en función de eso.
- Quisiera poder contarte tantas cosas que me envenenan el alma que prefiero callar y decirte que todo va bien, que con el favor de Dios tenemos que alcanzar la justicia (...).
- (...) hemos ido reparando el techo de la casa, pues con el calor la placa se afectó. Hice una cisterna donde tendrán agua limpia para bañarse. Les pondré un cuadro del Hotel del Cayo¹³ en la pared y una cama de piscina que conseguí, psicológicamente estaremos en un lugar del Cayo, sin tener que someternos a la prohibición de visitarlo (...).
- El Instituto se mudó para una casa independiente en Altahabana, la casa es buena y amplia, sólo que están arreglando los techos y allí casi no se puede trabajar, por lo que todo lo que puedo hacer en la casa lo hago.
- (...) como verás estamos trabajando, viviendo. Cada día es un reto porque las cosas se dificultan, a veces, extraordinariamente.
- Diviértete, por ser doctora nos aumentaron unos fabulosos 40,00 pesos, es como para renunciar a ello, lo considero una burla, pero bueno, al menos me sirve para 3 o 4 cajetillas de cigarro.
- (...) ahora se me ha presentado un espolón, no se si es así como se llama, eso no se ve pero me duele enormemente, me mandaron agua caliente, dicen que el ultrasonido también es bueno, pero ahora no

¹² Para hacer uso de estos documentos personales fueron alterados los nombres verdaderos.

¹³ "Hotel del Cayo" hace referencia a los hoteles que se encuentran en Cayo Coco al norte de la provincia de Ciego de Ávila en Cuba. Estos hoteles son destinados al turismo internacional.

tengo mucho tiempo. Camino mucho, sabes que soy enemiga de los bici-taxis¹⁴, además se nos va el salario en eso.

- Aquí dieron TV a los jubilados y a las amas de casa, por los CDR¹⁵, para comprar a plazo. Se lo dieron a Juan el de Yolanda, se dio bastante tranquilo en comparación con otros CDR donde la cosa terminó como “la fiesta del Guatao”¹⁶, aunque Ileana no estuvo muy de acuerdo porque ella se sentía con más derecho, al final quedó en la cola para el próximo que llegue. Yo espero que mi bronca¹⁷ sea cuando den el teléfono por el CDR, ¿te imaginas? Con el tiempo que llevo esperándolo.
- (...) no se si te conté de la nueva adquisición de mi amiga Isabel, un español que le cayó del cielo, y ella “ni corta ni perezosa”¹⁸ lo atrapó. Le está haciendo la casa nueva (...).
- El pueblo sigue como siempre, cambian de dirigentes pero no adelanta, a pesar del cariño que le tengo comprendo que no avanza. Hacen tiendas y más tiendas, por divisa, pero sigue la suciedad y el poco cuidado de las personas.
- (...) de los análisis de tu hermana no te puedo decir porque los mandaron al laboratorio y se perdieron, le vamos a hacer de nuevo con la esperanza de que no se pierdan.
- (...) el día 12-07-02 les envié una carta certificada con el número 13456, necesito me avisen cuando les llegue. El año pasado casi pierdo un giro que envié a Guantánamo, el que me iba a comprar los materiales se apareció aquí porque no le había llegado dinero y para que reembolsaran el giro tuve que ir hasta la fiscalía. El dinero que me cobraron por enviar el giro, aunque hace más de un año, dicen que no tienen los mecanismos económicos para devolvérmelo. Enviaron el caso para el “correo nacional” resolver, para no devolver 5 pesos se gastan más 100.

¹⁴ “Bici-taxis” Según definición de Gameleira son “bicicletas adaptadas, con banco para dos personas y cubiertas de aquellas que la gente estaba adaptada a ver en las escenas de Viet Nam, usadas particularmente por turistas y con un costo de cinco dólares la hora” (GAMELEIRA SOARES, 1999, p. 6).

¹⁵ CDR, Comités de Defensa de la Revolución, fueron creados en 1961.

¹⁶ “La fiesta del guatao” expresión usada por la población cubana para referirse a una situación conflictiva, de riñas, peleas, situación problemática.

¹⁷ “Mi bronca” expresión que significa para la población cubana: pelea, momento donde se discute por derechos.

¹⁸ “Ni corta ni perezosa” expresión usada por la población cubana como sinónimo de rapidez.

Año 2012... De mujeres escuchamos:

- Historia 1. Nadia, 70 años: “(...) tengo una amiga en la Habana, también bibliotecaria jubilada como yo, que siempre participa en la feria del libro, ella me consigue y me manda un libro sobre la “serie de beisbol” que es editado a cada año. Ese libro yo se lo llevo al carnicero, que es fanático por “la pelota”, y él me lo cambia por un muslo y un contra-muslo de pollo (...!!!!)”.
- Historia 2. Nereida, 44 años: “ay amiga, ya no estoy más trabajando como intensivista, tuve que pedir la baja del hospital y ponerme a cuidar niños en casa – cuido 10 – todo eso es para que me alcance el dinero (...) es la única forma de que mi hijo pueda continuar en el pre (...) imagínate, todo está muy caro (...) él quiere medicina, si no estudia en ese “pre interno” no podrá entrar a la universidad!!!”.
- Historia 3. Martha, 65 años: “disculpa tanto misterio..., lo que él me trajo fue una balita de gas que compré clandestina. ¡Tú sabes que aquí todo tiene que ser escondido! Pero hija, si Chavez no gana la elección en Venezuela esto se nos va a poner más feo (...) imagina los cortes de corriente... y aquí lo que todos tenemos es hornilla y olla eléctrica... ¿tú crees que me puedo arriesgar?! No hija, para poder vivir hay que prevenir!!!”.
- Historia 4. Jeni, 20 años: “(...) con 1.500,00 dólares ellos te consiguen la visa y el pasaje para Ecuador (...) ¿es una buena, tú no crees? (...) ¡aquí no me puedo quedar!”.

Danzo, danzo, danzo... ¡cuán rica es la danza del cotidiano! ¿Y ahora dónde estoy? ¿en la derecha? El ritmo lo ponen leyes y enmiendas. La Ley Helms-Burton, la Enmienda Torricellis¹⁹! Comienza un ruido... que en buen “cubano”: es gritería! se escucha sobre: *el abandono por parte de personal paramédico y docente de sus puestos de trabajo; El éxodo de todo tipo de profesionales hacia el área del turismo, sin respetar su verdadera vocación; La constante migración, valiéndose de cualquier vía.*

Mudan el escenario... Y aparecen negras, altas y grandes banderas! No veo, no veo nada... hay muchas, muchas banderas: *El gobierno decretó la formación urgente de un nuevo personal que se conoció como: “maestros y enfermeras emergentes”; El gobierno decretó que ningún trabajador de la salud y la educación puede aceptarse como trabajador en las instituciones turísticas; El gobierno, además de colocar tarifas irrisorias para los trámites*

¹⁹ Para ampliar este tema ver Luis Suárez Salazar (2000, p. 230-231).

migratorios, prohibió, especialmente al personal médico, de viajar por cualquier motivo, salvo cuando sean enviados de manera oficial al cumplimiento de misiones internacionalistas, El gobierno estableció diferentes categorías para la visita al país de quienes dejan la Isla.

Danzo por todo el salón. ¡Pero me engaño si pienso que estoy más libre! Que soy más libre... ¿qué dice ahora la letra? el PRC nuevamente se ocupa en prohibir, dividir, legislar, combatir, apuntando para la misma causa como generadora de todo lo que sucede: los Estados Unidos.

¡Desmayo! ... tengo un sueño... sueño y danzo, danzo y sueño...

Si bien es cierto que EUA – sus planes, sus amenazas, sus agresiones, su bloqueo – no constituye una ficción, por otro lado, da la impresión que el PRC se pierde en el cómo tratar ese asunto. Metafóricamente: *si el techo de nuestra casa siempre estuviera con goteras por las piedras que nos tira el terrible vecino*, podríamos preguntarnos: ¿no hay como cambiar de lugar? ¿no hay cómo dialogar? ¿no hay cómo construir un techo más resistente? Caso las respuestas fuesen negativas valdría, entonces, también preguntarnos ¿Es nuestro vecino culpable por todos los objetos que se rompen dentro de la casa? ¿Acaso puede culpársele al vecino por la totalidad de las goteras de nuestro techo? O mejor aún ¿Podremos dejar de cocinar, lavar, planchar y hasta limpiar porque las piedras están cayendo? ¿Sería la lluvia de piedra justificación para una mala realización de esas actividades domésticas durante varias décadas? ¿Y si, por acaso, algunas de las personas que allí viven quieren intentar colocar una parte del techo diferente... pudiera acusársele de complicidad con el vecino?

Estoy inerte, continúo en el desmayo pero la música no para. ¡la siento! ¡Ay, como la siento! Y aún desmayada: ¡escucho y danzo! *Por tres semanas convivimos con las personas, Les hicimos preguntas. Conversamos y escuchamos confidencias. Pudimos sentir que hay mucho sufrimiento, especialmente en el nivel personal y familiar (...) la vivienda todavía es precaria (...) los servicios urbanos no son adecuados al volumen de población (...) el servicio de ómnibus es deficiente (...) pienso que no es difícil imaginar la pesada carga del cotidiano sobre las personas y las familias: dinero corto, poca comida, transporte difícil y lleno. Como debe ser cansativa y estresante la jornada (...) conversamos con personas que se sienten cansadas, sofocadas (...) aumenta aún la sensación de control que el estado ejerce en la sociedad: la economía es estatal, las escuelas también, y la salud, los servicios públicos, el transporte colectivo, los taxis, los restaurantes, los bares, los almacenes y hasta las bodegas ... y todo el control de los medios de comunicación y de opinión. En cada cuadra hay un CDR para, discretamente acompañar los movimientos de las personas y eventualmente (...) levantar y*

organizar al pueblo para defender la revolución (...) la burocracia estatal es omnipresente (...) (GAMELEIRA SOARES, 1999, p. 2-24).

¿Por qué no recobro el conocimiento? Que extraño, yo danzo, canto, río y sueño: desmayada y desde el suelo escucho,

¡Vamos a repetir un corito que dice “atrapar al criminal, atrapar al criminal”!

¿Pero, quien es de esta vez el criminal? ¿Quién es aquella? ¿parece la silueta de Yoanis Sánchez? Sí, es ella misma, la de Generación Y... Corre Yoanis, corre a tu destacamento, ponte el distintivo de dos barras y no olvides repetir y repetir el “seremos como el Che”. Pero alguien dice: Silencio, silencio, silencio... yo tengo y traigo la verdad, que nadie más hable, silencio. ¿No contaban con mi astucia? ¡Nunca subestimen a un periodista francés!

Desde todas las direcciones le llegan a este francés los aplausos, muchos aplausos, ¿machos aplausos? Señor Salim Lamrani: primero, *viva Cuba!*

Mi cabeza da mil vueltas y mi estómago comprimido se pregunta ¿Dónde han dejado al periodismo cubano?

Estoy inmóvil, rígida, anquilosada...¡no aprendemos, no aprendemos, no aprendemos! ¡repetimos, repetimos, repetimos! Repetimos y no aprendemos.

¡Hay que romper el silencio! ¡Hay que romper los silencios!

Mis ojos se abren, mi cuerpo se yergue...y al ritmo de *Samba, Bumba, Forró, Xaxado, Xote*, un gigante verde amarillo me permite reconocermé en una multiplicidad de danzas e ritmos. El cotidiano “visto por el prisma de nuestra contemporaneidad como espacio de cambio, de resistencia al proceso de dominación, define un campo social de múltiples intercepciones de factores que contribuyen decisivamente para trascender categorías y polaridades ideológicas” (SILVA, 1992, p. 51). El cotidiano del cual nos apropiamos es la vida diaria: el combate para vivir el hoy, para encontrar trabajo, para tener que cocinar, para encontrar un sentido inmediato para la vida; es ese mundo doméstico, de relaciones breves y más directas, nuestros hábitos, la rutina, nuestras historias personales, nuestros sentimientos delante de los acontecimientos, nuestras reacciones delante de la TV, delante de los problemas actuales; un lugar donde se hace la historia y donde las formas más variadas de opresión y de producción del mal se manifiestan sin ser suficientemente reconocidas, es donde nacemos, sufrimos, amamos y morimos (GEBARA, 2000, p. 121s).

¡Danzas!, ¡Muchas danzas! ¡Cuántas danzas! esta vez – para mí – sin máscaras y sin mitos...

Entrecruzando Olhares sobre Comunicação e Violência

O presente artigo quer fazer um resgate da comunicação como ciência e teoria para logo após analisar a forma em que se percebe a relação entre “comunicação e violência” no nosso cotidiano. Desmistificando o ditado que outorga poder em demasia aos meios de comunicação e levando a compreender as dinâmicas complexas de nossas sociedades violentas, faz referência a um mundo de grandes e velozes transformações e incita a aproveitar esse momento para agir afim de “fazer possíveis” outras formas de convivência.

Algumas considerações sobre Comunicação

Gosto mais de *olhar* e *falar* da nossa época como “época de transformação” e não, como quase sempre se escuta, “época de crise”. Se por um lado é certo que temos profundas crises, também é certo, que vivemos numa época de grandes e velozes transformações. Transformações que, em alguma medida, são responsáveis pelas crises, mas que também, penso, podem ser as soluções para as mesmas. Só dependerá de nós e do que sejamos capazes de fazer.

Muniz Sodré, cientista da comunicação, assinala cinco transformações centrais do nosso cotidiano em seu livro “*Antropológica do Espelho*”. São elas: 1) transformação da pauta de interesses e costumes, por efeito de uma qualificação virtualizante da vida; 2) transformação das referências simbólicas com que se forma (educacional e politicamente) a consciência de jovens e adultos; 3) transformação dos modos operativos da consciência, isto é, dos processos de construção da realidade, da memória e da identificação dos sujeitos. 4) transformação do campo das normas e valores de sociabilidade; 5) transformação do sistema de pensamento pelo qual se vem tradicionalmente avaliando os fatos socioculturais (SODRÉ, 2002, p. 9).

Estas cinco “transformações” estão em sintonia, de uma ou outra forma, com a *trajetória da comunicação*. Comunicação, como termo, poderia afirmar-se que é detentor de um leque de significados e usos. Segundo Sodré, se diz *comunicação* “quando se quer fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que, social, política ou existencialmente não deve permanecer isolado. Sendo assim, o afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, se atenua graças a um

laço formado por percursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação”. Sodré situa a *comunicação* como ponte das relações éticas, econômicas, estéticas e cosmológicas que, mesmo aparecendo sobre outras formas em épocas diferentes, só se torna “questão” na modernidade do final do século XX (SODRÉ, 1996, p. 115).

Sodré cataloga o “fenômeno comunicacional” como ainda muito escuro em termos científicos, isso devido à distância entre as formulações acadêmicas e a amplitude de suas práticas. Uma distância que não constitui propriamente uma novidade em matéria de ciências sociais, mas que, no caso da comunicação – como muitos autores tendem a considerá-la sem objeto próprio, fragmentado na diversidade das práticas, cada vez mais associadas à cultura do consumo e às inovações tecnológicas no campo da computação e das telecomunicações – se encontra marcada por uma mobilidade muito rápida e complexa.

Sodré coloca, como objeto da comunicação, o procurar dar conta das transformações em curso no nível da sociabilidade, da educação, da subjetividade, dos valores e das ciências sociais tendo por base teórica a ética, entendida como interrogação radical sobre a *polis* e seus limites; e situa este objeto na vinculação da mídia com o comunitário (SODRÉ, 1996, p. 215).

Apesar de suas poucas décadas de irrupção e aceitação como ciência (momento ao qual Sodré alude como “tornar-se questão”) a *comunicação* parece primar, dentre suas semelhantes, pelo seu raio de alcance e seu poder emaranhado, variável e mutante. Isso porque as Ciências da Comunicação, ao tentar problematizar as novas formas de discursividade, engendradas pelas tecnologias avançadas da informação, estão em total sintonia com as mudanças sociotécnicas de nosso tempo.

Como exemplo dessas mudanças sociotécnicas, Sodré faz referência à geração de um espaço-tempo tecnológico regido por transportes de alta velocidade, no qual as distâncias ficam abolidas, ao mesmo tempo em que os modelos de percepção do espaço sensível são transformados. Espaço sensível que passa a ser representado por efeitos de instantaneidade, globalidade e simultaneidade (SODRÉ, 1996, p. 215).

As Ciências da Comunicação preocupam-se e ocupam-se com um “mundo” complexo, daí advém sua complexidade, um mundo em transformação, incluindo os sistemas de pensamento. As Ciências da Comunicação preocupam-se e ocupam-se com o paradoxo de um mundo que, mesmo estando interconectado por onipresentes e sofisticados meios de comunicação, apresenta um crescente deterioro nas relações de comunicação interpessoais, familiares, comunitárias e sociais (BERGER, 1998; BRAGA, 1997; MATA, 2001).

O conceito Comunicação pode-se dizer, se encontra em movimento permanente, numa redefinição constante. Desse modo, a *comunicação* não pode ser entendida em “singular” apontando simplesmente para “alguma coisa” que acontece; a *comunicação* deve ser entendida e trabalhada sempre como *processo*. Mas, que significa comunicação como Ciência, comunicação como processo?

Ciências da Comunicação

A comunicação social é um tema relevante no mundo contemporâneo. Hoje mais do que nunca ela atinge o mundo como um todo, especificamente depois da década de 1980, quando nosso planeta ficou coberto de satélites de telecomunicações. Os meios de comunicação massiva assumiram um papel preponderante oferecendo explicações e interpretações da realidade. Neles se formulam e se debatem as principais questões da sociedade. De maneira especial, a *Teoria da Comunicação* tem como finalidade refletir sobre uma prática comunicativa, justificá-la e revisá-la (GOMEZ, 1995, p. 7-11).

Armand e Michèle Mattelar, teórico e teórica da comunicação, ao falarem das *teorias fundadoras* oferecem um leque histórico muito importante na hora de estabelecer qualquer juízo crítico (MATTELLAR & MATTELLAR, 1999, p. 13-155). Primeiramente aludem à *Teoria Funcionalista* da Comunicação de massas, esta teoria, inclui conceitos como manipulação, persuasão, efeitos do emissor sobre o receptor. Estabelece uma relação de dominação entre meios e indivíduos. Considera um emissor ativo que, visando um objetivo, produz estímulos para atingir um receptor considerado potencialmente passivo, incapaz de reagir. Essa é a teoria do funcionalismo norteamericano.

A *Teoria Crítica*, criada por pesquisadores da escola de Frankfurt, acentua ainda mais essa relação de dominação já existente. Se na *teoria funcionalista* os meios de comunicação se convertem em instrumentos de dominação mediante a persuasão através da publicidade, na *teoria crítica* eles são tidos como instrumentos de dominação por meio da alienação. Dessa forma, a preocupação passa a ser “conscientizar as pessoas para que não se deixem dominar”.

Ambas teorias estão centradas no poder do emissor, como aquele capaz de intervir na conduta das pessoas e aliená-las para seus próprios interesses. O receptor apresenta-se como peça fácil de ser manipulada, dominada. O receptor não é sujeito, é objeto.

Uma nova visão chega à comunicação com os *Estudos Culturais*, apresentados na década de 1960 pela Escola de Birmingham, na Inglaterra.

Neles o processo de comunicação é visto de forma mais ampla e complexa, procura ser compreendido com base na cultura e estabelece uma ruptura com o que se entende por comunicação midiaticizada. Mais que um processo ideológico ou de dominação (como era visto pelas teorias anteriores) eles o colocam como um processo embasado na negociação, um constante negociar dos sentidos na vida cotidiana, no qual os receptores não são mais objetos e sim sujeitos, pessoas que resignificam individualmente as mensagens que recebem. Os Estudos Culturais deslocam o olhar do emissor ao receptor e reconhecem um papel ativo na construção de sentido das mensagens, sendo destacada tanto a importância da recepção quanto do contexto na recepção (MATTELART; NEVEU, 2002; HALL, 2003).

O surgimento de uma nova teoria não significou, de maneira nenhuma, o detrimento das “anteriores”. Tentar situá-las num “tempo” determinado seria muito ousado, pois de alguma maneira elas vêm “convivendo”, em nosso mundo, muito antes de ser acolhidas propriamente como “teoria” numa data determinada. Quiçá seja este outro motivo no qual falar em *comunicação* se torna tão diverso e complexo, dependendo do referencial teórico que se adote.

Existem sociedades, ainda hoje, que parecem não ter conhecido os Estudos Culturais. Continuam aferradas e regidas por um esquema de comunicação linear no qual o receptor não deixa de ser tomado como um ser humano sem face, simples objeto, passível de manipulação. São essas sociedades – ou grupos – as que majoritariamente outorgam um poder ilimitado aos meios de comunicação. Fazem da mídia o “perigo iminente” talvez para desviar a atenção de “outros perigos”, diminuindo-os ou até anulando-os. De que maneira isto se apresenta?

Violência na e da Mídia

Para entrar no tema de violência na e da mídia, gostaria de narrar um fato ocorrido com Eugênio Bucci, jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela USP. Bucci, que escreveu o texto “Como a violência da TV alimenta a violência real (...)”, relata: *Foi numa quinta feira 22 de janeiro de 1987, que Budd Dwyer, 47 anos, secretário da fazenda da Pensilvânia, nos Estados Unidos, arrancou uma magnum 357 de um envelope pardo e atirou no céu da própria boca, diante das câmeras de TV. Acusado de receber suborno, convocou uma coletiva de imprensa um dia antes do seu julgamento, declarou-se inocente e se matou.* Bucci aponta para o fato das reportagens só mostrarem até o instante anterior ao disparo. Anos depois, fevereiro de 2001, o próprio Bucci, frequentando a exposição sobre os 50 anos da TV, organizada pela rede Globo no parque Ibirapuera, percebeu

que umas das transmissões projetadas era o *suicídio de Dwyer*, só que, nesta ocasião, o movimento da imagem prosseguia para além do tiro, o secretário caía, e o corte da câmara só vinha depois. A cena que foi massificada na época de finais da década de 1980 não é a mesma colocada em 2001. O autor conclui que na década de 1980 a simples menção de que ocorreria o disparo já chocava a audiência, agora não mais. Ele diz, “no nosso tempo a dose precisa ser mais forte (...), por isso, a TV explicita o que naquele momento escondeu” (BUCCI, 2004, p. 107-116).

No nosso tempo a dose precisa ser mais forte... Se hoje olhássemos o filme de *King Kong*, que nos aterrorizou alguns anos atrás, pareceria mais que estaríamos assistindo a uma comédia do que a um drama. Hoje prestaríamos mais atenção aos movimentos torpes do Gorila, às falhas técnicas na filmagem, aos diálogos aparentemente “lentos”, à trilha sonora nada assustadora, do que à trama em si.

No nosso tempo a dose precisa ser mais forte, porque fazemos parte da chamada “era do espetáculo”. Nas sociedades do espetáculo, a televisão substituiu o espaço público pelo espaço virtual do espetáculo, nelas a dimensão dos ideais é dispensada a favor da dimensão de consumo. Na era do sensacionalismo e do espetáculo, o *show* serve para mobilizar a audiência ao mesmo tempo em que a audiência serve para reanimar o *show* (a exemplo dos programas *Big Brother*) (KEHL; BUCCI, 2004, p. 141-161).

No nosso tempo a dose precisa ser mais forte porque nosso cotidiano é “mais forte”. É nesta dinâmica que radica o “tão temido e falado” poder da mídia. Nossas sociedades “re-legitimam” aquilo que a mídia apresenta. Não nos enganemos, a mídia não fala ou apresenta aquilo que não tenha sido já “legitimado”, de alguma maneira, nas nossas sociedades.

Ser ou não ser uma sociedade violenta não vai depender apenas do que midiaticamente seja transmitido e recepcionado. Se a equação fosse tão perfeita, sociedades com uma mídia estatal, fechada e chamada de “educativa”, não mantivessem os índices de violência que detêm. Os meios de comunicação não são, de maneira alguma, únicos responsáveis pelos fluxos de sentidos que permeiam a vida cotidiana. É sumamente importante que nos despejemos dessa relação linear “mídia – sociedade” e comecemos a olhar para ela como uma relação processual, um processo.

Nesse cotidiano “mais forte”, como se dá a relação das igrejas com a comunicação e a violência?

Igrejas, comunicação e violência

As igrejas têm tido uma história “interessante” com relação aos meios de comunicação, alguns autores/as a colocam como sendo uma

relação de amor e ódio. Os meios antes de serem “amados” pelas diferentes denominações, foram primeiramente “satanizados”. E mesmo quando o “amor” chegou, a relação que se estabelecia era paternalista e autoritária.

Primeiramente, as igrejas pretenderam que os meios se limitassem a ser meros instrumentos ao seu serviço, logo após, outorgaram-se a autoridade para ensinar seu uso correto ao mesmo tempo em que pensavam que a audiência tinha que ser protegida, dirigida e controlada. Hoje, a crítica das igrejas expressa que os meios estão usurpando o papel que corresponde à religião na sociedade (VALLE, 2002, p. 25-34).

Carlos Valle, teólogo e comunicador cristão, assinala três ameaças que, no pensar das igrejas, a cosmovisão tecnológica representa para a religião: acham que estão desviando a maior parte dos interesses, motivações, satisfações e energias do centro religioso e observam, como uns de seus resultados, o esvaziamento dos templos; por outro lado, consideram que os meios estão se apropriando da linguagem religiosa, criando novos símbolos, ritos e imagens. A isso se soma, o desenvolvimento de aspectos religiosos nesses campos, sem nenhuma conexão com a religião “organizada” (VALLE, 2002, p. 27).

Quiçá, sejam essas “ameaças” que mantenham com uma certa paralisia as igrejas em relação à mídia. Paralisia que se explicita não só no pouco uso que fazem dos meios de comunicação senão no mau uso que, geralmente, fazem.

Olhando esse entrecruzamento midiático-religioso e seus desdobramentos, me pergunto como aparecem na mídia as questões de gênero?

Gênero na Mídia: Uma Violência Evidente

O Projeto Global de Monitoramento da Mídia é a pesquisa mundial mais abrangente, já realizada, sobre gênero na mídia. Como objetivo, busca aprofundar o estudo da representação de mulheres e homens nas notícias dos jornais, rádio e televisão. Esse monitoramento foi realizado primeiramente em 1995, depois em 2000 e, por último, no ano de 2005 (CUNHARY, 2006, p. 5).

Milhares de ativistas e investigadores de 76 países participaram dessa pesquisa e foram monitoradas aproximadamente 13 mil notícias num mesmo dia do ano de 2005. Nessa última ocasião, o monitoramento foi coordenado pela WACC (Associação Mundial para a Comunicação Cristã), uma organização não-governamental internacional, com sede em Toronto, que promove a comunicação como fator de transformação social.

A pesquisa teve como resultado as seguintes constatações (CUNHARY, 2006, p. 5):

- Visões e vozes femininas são marginalizadas no mundo da mídia;
- vozes masculinas predominam nas notícias “pesadas”;
- homens predominam como porta-vozes e especialistas;
- mulheres são retratadas duas vezes mais como vítimas em comparação aos homens;
- repórteres femininas normalmente fazem cobertura de histórias “leves”;
- assuntos femininos são mais encontrados em notícias relatadas por jornalistas mulheres;
- dificilmente mulheres são o foco central de uma matéria;
- matérias reforçam estereótipos de gênero ao invés de desafiá-los;
- (des)igualdade de gênero não é considerada digna de ser notícia.

O relatório apresentado afirma: “infelizmente, os resultados nada animadores de 2005 ratificam os resultados das pesquisas de 1995 e de 2000”. Se por um lado isso é lamentável e preocupante, indica que os esforços realizados, as lutas promovidas, os movimentos criados, as políticas instituídas, ainda não são suficientes e não conseguem tornar-se “visíveis” a grandes escalas. É ainda mais triste para nós, mulheres cristãs, feministas, militantes, porque essa constatação coincide com o período declarado pelo Conselho Mundial de Igrejas como “Década de superação da violência” (2001-2010) e “Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres” (2001-2010). Deve reconfortar-nos, por outro lado, o fato de que esse tipo de pesquisa esteja sendo realizada; isso já é sinal de avanço e conquista. Assim, como também a exposição pública e a não manipulação de seus resultados que diz muito sobre governos e instituições, religiosas ou não religiosas, que deviam ter oferecido outro tipo de cobertura.

As questões de gênero geralmente não têm sido “acolhidas” pelas igrejas. E coloco “acolhida” com toda intenção. As questões de gênero podem, no meu entender, ter sido até “aceitas” por muitas igrejas, mas “acolhidas” tem sido por poucas, para não absolutizar e dizer que por nenhuma. Isso, penso, explica o fato de que várias igrejas e instituições religiosas, que adotaram o discurso de gênero há mais de duas décadas, tenham a sua prática tão defasada com respeito à sua teoria. Meramente suportam, toleram, conformam-se com o fato, quiçá porque “gênero” tem estado e está muito em voga.

Um exemplo disso pode ser o próprio uso da linguagem inclusiva. Numa instituição como a Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Brasil, com mais de vinte anos de trabalho feminista e mais de quinze de criação da cadeira de Teologia Feminista (decorrente de um processo de lutas e reivindicações) acaba de ser publicado um “Manual de Normas para Trabalhos Científicos” (nada mais e nada menos que com a cor lilás que nos simboliza) e que contém, como nota de rodapé, na página oito, o seguinte: “a fim de permitir uma melhor fluência, optou-se pelo uso do masculino neste manual” (KILPP, 2006, nota de rodapé n. 2, p. 8). Isso somos nós, os/as que atrapalhamos “a suposta fluência” com nossos protestos, com nossas reclamações, com nossas exigências!

Todavia sonhamos!

Somos e formamos parte de um mundo com grandes e velozes transformações. Transformações que tiram o sono de muitas pessoas, porque não temos “mais receitas prontas” para aplicar ante uma determinada situação. As grandes receitas falharam. Longe de ficar olhando para um passado pensando “o porquê teve de ser assim” ou reclamando que “podia ter sido distinto” coloquemos todo nosso empenho em fazer deste momento um presente “diferente”, no qual o passado seja olhado como aprendizado mas não como anelo.

Aproveitemos como pesquisadores/as, estudantes, professores/as, ativistas, militantes, esta época de transformação. Desterremos esse pensamento dicotômico que nos endeusa ao mesmo tempo em que demoniza o *Outro*. Não mais baixemos a cabeça ante o normativo, o objetivo, o “natural”. Se nos arrepia o fato de ter uma guerra e ninguém no mundo conseguir detê-la, que nos anime olhar a transparência com que se apresenta a ineficácia de uma Organização das Nações Unidas. Se existe uma CNN para não oferecer uma notícia “completa”, existem hoje milhares de câmaras e de redes comunitárias da informação para apresentar ao mundo “outra cara da moeda”. Aproveitemos este mundo em transformação e façamos deste “um mundo possível sem exclusão e sem violência”!

Interligando *Mundos de Vida* desde a teologia... e em diálogo com Fernet-Betancourt

A presente reflexão pretende estabelecer um diálogo entre algumas das idéias expostas pelo filósofo Raúl Fernet-Betancourt no Seminário Interdisciplinar “Religião e Interculturalidade”¹ e meus trabalhos de mestrado e doutorado acadêmico. Diríamos que se trata de interligar, de alguma maneira, *Mundos de Vidas* diferentes e distantes: “Cuba e Brasil” com o desejo de refletir e desconstruir fortes paradigmas eclesiais e sociais.

Foi ao participar desse seminário que o presente texto começou a ser gerado. Naquele momento, já tinha defendido minha dissertação de mestrado (NÚÑEZ DE LA PAZ, 2004) e me encontrava na redação final da tese de doutorado (NÚÑEZ DE LA PAZ, 2015). A turma toda foi desafiada, pelo professor, a escrever textos que dialogassem com a Interculturalidade. Eu não tive, naquele semestre, condições de escrevê-lo, por isso hoje desejo que seja, meu escrito, uma maneira de saldar aquela dívida acadêmica. Fernet-Betancourt, no ano de 2007, expressava enfaticamente: “o mais importante hoje é a luta pela justiça”, finalizando o ano 2009, essa luta pela justiça continua nos chamando e interpelando. Optar por uma intervenção nessa luta torna-nos eticamente mais responsáveis.

Processo Revolucionário Cubano

Na dissertação de mestrado, cujo título foi: *El anquilosamiento del proceso revolucionario cubano: Una interpretación socio-teológica del cotidiano enfatizando en el filme Fresa y Chocolate*, tive como objeto de estudo a Revolução Cubana. A pesquisa foi um intento de responder à pergunta: Está anquilosado o Processo Revolucionário Cubano? Apresentando anquilosamento como sinônimo de estancamento, imobilidade, paralisia, se realizou uma interpretação sócio-teológica do cotidiano com a ajuda metodológica da *suspeita*. Valorizando a utilização de obras de artes como auxílio investigativo.

No primeiro capítulo, se realizou o levantamento histórico cubano, dando prioridade ao período revolucionário e, ao mesmo tempo, fazendo

¹ Seminário oferecido no PPG das Faculdades-EST/São Leopoldo no mês de setembro do ano de 2007.

ênfases no conflito que se manteve entre a revolução e a religião. No segundo capítulo, auxiliada pelo referencial teológico feminista: experiência, cotidiano, desconstrução – reconstrução, público – privado, se tentou fazer falar a uma outra verdade, aquela que emerge dos testemunhos pessoais, cartas, diários, e os escritos “não oficiais”. Frente à impossibilidade de que essa outra verdade seja legitimada pelo governo revolucionário, procurou-se nas obras de arte o auxílio para continuar investigando.

O terceiro capítulo, estive guiado pela sociologia das obras de arte, (sociologia que transmite a certeza de ser, a arte, além de determinada pelo social um instrumento que exerce um papel fundamental na transformação desse social). Na nossa pesquisa a arte foi tida como os *signos vitais* que, na sociedade cubana, conseguiram falar muito mais alto que aquilo que era legitimado pelo Estado. Um quarto capítulo, se encarregou especificamente da interpretação do filme: *Morango e Chocolate*, pautado pelo referencial que oferecem as ciências da comunicação. Ao fazer a análise semiótica das imagens paradas e das imagens em movimento (fotografia e sequência) se desvenda um Processo Revolucionário Cubano anquilosado por não abolir a sociedade patriarcal, continuar com um modelo social dicotômico e converter-se em uma outra religião, do mesmo tipo que, nos seus inícios, pensou combater, a saber: *a religião ópio do povo*.

Comunidade Canção Nova

Na tese de doutorado – *Evangelização que comunica e Comunicação que evangeliza: Comunidade Canção Nova, um novo jeito de ser igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação* – o objeto de estudo foi a Comunidade Canção Nova, e teve como objetivo principal demonstrar, a partir de argumentos que emergiram do entrecruzamento Evangelização-Comunicação, que a *Comunidade Canção Nova* representa um “Novo Jeito de ser Igreja” dentro do catolicismo romano. Os argumentos que denotam, balizam e sustentam tal afirmação são: os *novos jeitos de comunidades, os novos jeitos de famílias e os novos jeitos de identidades* que convivem nesse fenômeno religioso-carismático-midiático. Esses argumentos afloraram na pesquisa do cotidiano da Comunidade, especificamente no entrecruzamento contínuo e único entre evangelização e comunicação. Com essa afirmação, se demonstrou que, na atualidade, o entrecruzamento Evangelização-Comunicação representa um fator importante para manter a igreja “em movimento”, em sintonia com seu tempo.

A estrutura, também composta de quatro capítulos, refletiu o percurso investigativo seguido na pesquisa. Apresentando a gestação, o surgimento e posterior desenvolvimento da Comunidade como um trajeto no qual o contexto desempenha um papel determinante, o primeiro capítulo, realizou o levantamento histórico, corroborou que Canção Nova representa um fenômeno religioso, carismático e midiático novo na contemporaneidade e perguntou-se se tal fenômeno poderia ser considerado uma nova igreja. O segundo capítulo, procurou responder essa questão apoiando-se no estudo do entrecruzamento evangelização-comunicação que caracteriza a Comunidade. Um terceiro capítulo, embasado na pesquisa bibliográfica, demonstra que o entrecruzamento gera “um novo jeito de ser igreja” e não uma nova igreja; trabalha, ademais, alguns elementos que definiriam esse novo jeito: o gênero, a liturgia e a ênfase pneumatológica. No entanto, reconhece que tais elementos não conferem uma particularidade peculiar à Comunidade. O quarto capítulo, ao narrar parte das observações da pesquisa de campo e fazer uma análise dos dados à luz das bibliografias antes trabalhadas, afirma que Canção Nova representa “um novo jeito de ser igreja” em função da dinâmica com que constrói e recria “comunidades”, da forma com que fomenta e vivencia o convívio “familiar” e da singularidade e criatividade com que define sua “identidade”

A pesquisa Intercultural²

A filosofia intercultural (FI) deve ser entendida como um novo paradigma. Ela quer deslocar o lugar das perguntas dos paradigmas científicos aos campos de universos culturais da cotidianidade ao tempo que tenta sacudir os paradigmas de certeza e voltar a “fragilidade” dos mundos de vida. A FI quer abandonar os projetos das certezas e voltar recuperando a fragilidade a través da experiência, nas culturas, recuperar a dignidade epistemológica de um abraço, uma carícia...antes de qualquer teoria.

A filosofia Intercultural é uma filosofia de mundos de vida, mundos de vida que são lugares hermenêuticos. Mundos de vida que significam formas de experiência e cotidianidade. As perguntas surgem, precisamente, nesses mundos de vida, de aí o peso que adquire o contextual. A filosofia Intercultural procura ver se pode ser tratado de uma outra maneira aquilo que a primeira vista nos parece contraditório e chocante. A Filosofia

² Todas as afirmações contidas neste item foram feitas pelo professor Fornet-Betancourt na sala de aula durante o seminário anteriormente citado.

Intercultural precisa da ressonância e ressonância é, em certa medida, quase um abandonar a centralidade da palavra para buscar o simbólico, o ritual, buscando aquilo que não se pode nomear (o nome limita).

A Filosofia Intercultural busca aquilo que as culturas não tem sabido nomear e faz uma crítica dos nomes puros. Busca a dignificação do cotidiano e entende que a teoria já está de mais. A Filosofia Intercultural quer desdogmatizar, relativizar as teorias e recuperar a experiência. O desafio desta filosofia é alcançar as dinâmicas de reconhecimento que vão além da tolerância.

As condições de nosso acesso ao tempo tem mudado e isso intervêm em todo nosso entorno cultural, do mesmo jeito reflete na nossa maneira de apreender nossa corporalidade. A Filosofia Intercultural aponta a necessidade de recuperar tempos de vida onde essa vida seja celebrada. Necessita-se recuperar o tempo social e cultural e nessa tarefa a religião e a teologia tem um papel fundamental. Na “cultura do corre-corre” Deus resulta ocioso, por isso o desafio para as religiões, para as igrejas, para a teologia. Precisa-se de uma pastoral para intervir no tempo social. É importante não confundir a capacidade cultural de um ser humano com seu dicionário...há mais Deus na teologia, há mais sujeito na subjetividade, mais palavra na linguagem!

A filosofia Intercultural busca a criação de uma nova universalidade que parte de uma história argumentativa e que se sustenta na comunicação como argumentação (ex. a argumentação da pessoa muçulmana, da hindu, da cristã são entradas a uma casa e não a casa). A verdade admite pluralidade e não tem que ser totalitária. A verdade necessita entender-se como uma fundação, fundamentações abertas. Uma verdade que admita a polifonia e que se apresente contra a totalidade. Uma verdade moderada que não esmague nem desautorize a pluralidade, as diferenças. Uma verdade que não se converta em dogma. O discurso e o diálogo precisam ocupar o primeiro lugar para depois saber quem pode ter ou não a razão. Uma razão que se complementa e se constrói a partir das múltiplas razões. O consenso precisa da alteridade, no consenso convergem às identidades. A aposta do interculturalismo é ativar a memória de todos os povos periféricos, é permitir que essa memória apareça, que não seja abafada.

A estabilidade religiosa, a estabilidade da teologia é o maior perigo para a religião. Deus não é estável, Deus ínsita ao peregrinar permanente. A religião tem que aprender a “desligar-se” porque estando tão ligada acaba com a peregrinação. Voltar ao sucesso de “Deus acontece” é o maior desafio que tem igreja e religião hoje. Quando a religião se converte em “ideologia da ordem” assassina a Deus. Na ordem não há surpresas e as igrejas e religiões tem permitido que Deus não mais nos surpreenda.

Dialogando e reflexionando à maneira intercultural

Escuto e l eu a Fernet-Betancourt e suas afirma es e proposi es se entrelaçam com toda uma caminhada e leituras feitas desde a teologia feminista, caminhada que já comporta uma história de varias décadas. A experiência nessa caminhada desvenda o difícil que resulta colocar em práticas tais idéias e proposi es. Sabemos do tempo extenso que se necessita para saborear conquistas; da paciência que se precisa para olhar essa ida e vinda das propostas; da serenidade que no curto tempo da vida temos que ter a pesar da urgência dos desejos.

Desconstruir, para as teologias feministas, não tem sido um processo e percurso tranqüilo, sereno, calmo... ele tem sido sempre suado, polemico, doloroso, dilacerante. O apelo para superar dicotomias, especialmente no tocante ao público e privado tem sido uma permanente bandeira. As palavras *cotidiano* e *experiência* ganharam com as mulheres carne, osso, sabor, cheiro, cor. Foi o resgate de essas palavras e a dinamicidade colocada nelas o que trouxe a visibilidade para as mulheres num mundo que era só dos homens e para os homens. Foi a dinamicidade e o resgate colocados nelas o que propiciou a emergência e a luta de outros grupos igualmente silenciados e excluídos no mundo.

Na disserta o de mestrado eu conheci uma Cuba que pouco aparece, ou melhor, uma Cuba que pelo fato de chocar com o “mito Cuba”   difícil de ser contada e explicada.   a Cuba que muitos não querem ouvir. Nessa Cuba, como mostrou a leitura do site em que o governo apresenta a história em síntese desde nossos índios (*aborígenes*) até nossos dias, se recolhe s  o nome de uma mulher. Nessa Cuba há os mesmo problemas das outras sociedades por ela criticada, ou ainda, piores problemas. Nessa Cuba da Revolu o Socialista o cotidiano continua sendo o contraponto gritante do discurso oficial permitido e cacarejado.

Na tese de doutorado percebi, mais uma vez, a importância da suspeita. O estudo de uma comunidade católica romana e carismática, que   fiel ao discurso e   tradi o da Igreja Institui o surpreendeu com seu cotidiano. Dele emergiram dados fabulosos: rela es de g nero mais sadias e harm nicas e a convivência de vários tipos de comunidades, famílias e identidades que na sua interliga o fazem dela um novo jeito de ser igreja.

Cuba e a Can o Nova me deixaram uma grande li o: duvidar do obvio torna-se hoje mais que nunca, imprescindível. Mundos de vida... cotidiano... parece-me que esses universos desconstroem fortíssimos prédios de pressupostos e dogmatismos. A experiência de vida que se manifesta nos diversos e diferentes *mundos de vida* diz mais que a maior das bibliotecas. *Mundos de Vida* que estão recheados pela belíssima

complexidade dos seres humanos. Complexidade que dificilmente teoria alguma poderá jamais apreender na sua totalidade.

Quero finalizar com uma historia. Pode ser escutada e lida como algo real. Poderia, também, ser pensada como uma reaproximação ao mito de Adão e Eva na contemporaneidade. Essa história é daquelas que marcam o cotidiano em qualquer lugar e época do mundo, mas é também aquela que nunca lemos num livro de historia, aquela da qual os livros sérios não falam. É aquela que as enciclopédias não recolhem, aquela que só na literatura de ficção poderia encontrar algum espaço. Trata-se do acontecido entre uma militar do campo socialista e um militar de um país capitalista, na antiga ordem mundial. Ao tempo em que as superpotências se espiavam, se difamavam, se criticavam, se acusavam, se matavam... eles dois: simplesmente se amavam!

He llegado a nuestro “cobijo” y por ti espero...

El lugar es el mismo que tantas veces despierta soñé...una pequeña cabaña en un sitio apartado. El cielo tiene un azul muy fuerte, el sol está intenso pero hay brisa, una brisa suave...debe ser primavera porque hay muchas flores, hay varias tonalidades de verde en los árboles. Una sinfonía de pájaros, que también están a camino, le coloca una música envidiable al lugar.

Estoy nerviosa...

Tengo en mis manos todas las hojas de mensajes antes escritos por nosotros, sin embargo, la ansiedad es tanta que no puedo leer, sólo lo aprieto, lo aprieto contra mí preguntándome si vendrás. Camino hasta la ventana, desde allí contemplo una parte del río y también la montaña, que ahora parecen muy próximos.

Te pienso...

Todo está impecable. Todo organizado de la manera que he querido...pero por veces cuestiono si no sería mejor que ningún objeto tuviera lugar cierto.

Estoy nerviosa...espero...

Veo un reloj en la pared más próxima...con toda intención lo busco y “lo desaparezco”. El tiempo...el tiempo, no has llegado y ya me inquieta el tiempo. No tendremos mucho, hoy, como siempre, miles de compromisos

nos esperan. Pero, quizás tengamos más que esos pájaros que también están a camino...

Estoy nerviosa...te pienso...

Siento que estás llegando y voy a tu encuentro.

Nos miramos aún de lejos. Yo en la puerta, tu “a camino”...nos miramos en un intento de volver a conocernos. Has venido sin uniforme y yo agradezco...

Tu caminas, yo camino...nos paramos, nos miramos y aún dudamos que estemos cerca de nuevo! ¿Quién eres tú? –me preguntas – ¡Hoy soy aquello que has hecho!

Me abres los brazos y yo corro, voy corriendo hasta tu pecho...

Gracias Dios! Gracias por hacer realidad mi sueño – así pienso –

Me besas en la frente, me mantienes presa en un abrazo...y yo siento que se derraman, una vez más, varios líquidos de mi cuerpo.

Vamos adentro – yo pido – y tu bien bajo me dices: “aún no se si estará cierto!”

Caminamos y entramos

Entramos y nos miramos

Nos miramos y nos besamos

Nos besamos y nos amamos

Nos amamos y sollozamos

¿Es traición? ¿Es pecado?...pero es tan bueno...

O cotidiano, em curto tempo (*cronos*), tem desfeito “prédios” de fortíssima estrutura acadêmica e metodológica. Seria mesmo o Cotidiano? Perece-me que é Deus! Deus com seus dissimiles Nomes! Deus “brinca” com as gerações no tempo (*kairós*), para nos fazer ver que não temos as últimas palavras. Deus nos “desafia”, dando-nos a *liberdade* de escolha e, simultaneamente, deixando sobre nós a *responsabilidade* sobre tais escolhas. Deus, em sua infinita misericórdia, nos “ajuda” a nos distanciar (no *cronos* e no *kairós*) de nossa arrogância humana. Pena que, como humanidade, pelos séculos dos séculos, tenhamos prestado tão pouca atenção à Sua brincadeira, ao Seu desafio e à Sua ajuda.

Dá tua mão e dançaremos: desconstruindo violências e construindo conhecimentos a partir dos mundos de vidas

Quero convidar para esta dança, além de vocês, a três mulheres que marcaram de diferentes maneiras e por diversas razões minha vida. Duas, são mulheres cubanas, a outra, é uma mulher chilena. As duas cubanas já “não estão mais”, foram minhas tias e morreram, coincidentemente, no ano de 2010. A chilena é uma amiga “da modernidade”, uma amiga “virtual”.

Esta dança vai ter diferentes passos, diferentes movimentos, vai ser a dança da desconstrução e da reconstrução. Para este diálogo foi proposto o tema: *Protagonismos e resistências: mulheres e suas lutas*, e é precisamente esse “protagonismo”, essas “lutas” e, principalmente, essas “resistências” às que pretendo aludir “dançando”: desconstruindo e reconstruindo!

Desconstruindo histórias

História 1: Tia, dá tua mão...

Esther Báxter Pérez. Não tínhamos o mesmo sangue, era minha tia pelo laço de amizade tão forte que existia entre ela e a minha mãe. Nossa vida se entrelaçou quando meus pais se separaram e ela me pediu fosse a morar na sua casa. Minha tia Esther casou muito jovem e só depois de ter suas filhas conseguiu entrar na faculdade para estudar psicologia. Ela contava: “como não tinha tempo para ler por todas as coisas que tinha para fazer na casa, pedia para uma amiga que viesse e ficasse lendo em alta voz os conteúdos das diferentes matérias. Assim estudava! Eu ia lavando, cozinhando, limpando, ao tempo em que minha amiga lia em alta voz”. Minha tia Esther, quando os doutores e doutoras em pedagogia em Cuba se podiam contar com os dedos das mãos, fazia parte dessa turma. Trabalhou durante décadas no Instituto Central de Ciências Pedagógicas e dedicou sua pesquisa e escritos à temática de valores.

Quantas “Esther” estão presentes aqui, agora? Quantas histórias parecidas ou iguais a pesar de estar num outro país?!

Desta historia destaco: a amizade, a cumplicidade, a ajuda, o sacrifício, a determinação, a resistência, a entrega.

História 2: Tia, dá tua mão...

Nerva Luisa Cot Aguilera. Estava casada com um tio, ambos pertenciam à Igreja Episcopal de Cuba, eu sabia que eles existiam pelas cartas, mas... vivendo a menos de 200 km nunca podíamos nos encontrar. Eles eram religiosos e meu pai um “alto dirigente político”... “então, eles podiam nos prejudicar”. Nossa vida se entrelaçou quando decidi estudar teologia e recebi todo seu apoio. Nerva, tinha entrado ao seminário como líder da juventude metodista, lá conheceu meu tio, casaram e uma vez “ele” formado foi enviado pela igreja para um campo pastoral. Ela, “esposa”, não pode concluir seus estudos. Situação essa que, mais uma vez, se repetiu quando cursava a Licenciatura em Línguas e a Igreja ordenou uma transferencia. Nerva, foi uma das primeiras três mulheres ordenadas diáconas e uma das duas primeiras presbíteras ordenadas na Igreja Episcopal Cubana. Essas ordenações só “aconteceram” quando “politicamente” foi importante para a igreja ordenar mulheres. Nerva, foi a primeira mulher consagrada bispa em América Latina e o Caribe.

As igrejas não só legitimam senão que exercem a violência contra as mulheres!

Quantas “Nervas” estão presentes aqui, agora?!

Desta historia destaco: a intransigência de um governo, o oportunismo de uma igreja, a hipocrisia de ambas as instituições. E de novo chamo a atenção para: a persistência, a resistência, a cumplicidade, a luta...

História 3: María, dá tua mão...

Não escrevo seu nome porque não pedi autorização. Hoje ela será: Maria! Nossa vida se entrelaçou quando uma madrugada sem sono “pesquisava” na internet e li uma matéria escrita sobre ela. Algumas pessoas podem pensar que foi a casualidade, eu acredito firmemente que foi Deus. O texto lido sobre Maria falava de uma jovem que na tentativa de defender a um irmão acusado de um crime, acedeu a que seus diários fossem usados como prova e testemunho no processo. Ela estava lá, na sala do julgamento, tentando demonstrar a inocência de seu irmão com escritos, seus escritos pessoais de quase 30 anos atrás. A narração do periodista foi tão grotesca que por vezes senti, em minha leitura, como se o julgamento fosse para ela. Eu sentia que aquilo que não tinham coragem de fazer ou de dizer ao “irmão acusado” o estavam fazendo com ela naquela sala.

Quantas “Marias” estão presentes aqui, agora?!

Desta historia destaco: “o diário”. O diário, hoje legitimado como fonte de pesquisa, foi majoritariamente escrito por mulheres (me refiro ao diário do “âmbito privado”). A minha pergunta é: por que escrever um diário?

Essa pergunta pode ter muitas respostas pero hoje se me ocorre dizer que “escreve” aquela pessoa que, por “a” o “b”, não pode falar ou não tem com quem falar aquilo que escreve. Eu também tive diários, diários que infelizmente foram destruídos por temor! A Maria da minha historia, estava lá, corajosa, valente, expondo a sua intimidade para desconhecidos na tentativa de salvar a um irmão. Pergunto-me: se Maria estivesse sendo acusada... seu irmão estaria lá com igual “disposição” e “entrega” para defender-la? E o periodista... haveria escrito similar matéria?

As três histórias narradas se entrelaçam com toda uma caminhada que já comporta várias décadas. A experiência nessa caminhada desvenda o difícil que resulta para as mulheres colocar em práticas idéias e proposições, “entrar” e “permanecer” na trama de sociedades e culturas que em seu “desenho” nunca foram contempladas.

Durante os anos 2010 e 2011 tive o privilegio de coordenar a execução do *Curso de Capacitação Regional de Agentes Públicos para a Prevenção à Violência Contra a Mulher*. Esse Projeto - realizado pela Secretaria Municipal de Políticas para Mulheres/ São Leopoldo e com o apoio da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres/ Governo Federal - capacitou mais de mil e quinhentos agentes públicos (das áreas de segurança, saúde, educação e assistência social) pertencentes a doze dos municípios que fazem parte da região do Vale dos Sinos.

Nessa ida e vinda pela região conheci muitas “Esther”, muitas “Nerva”, muitas “Maria”: brasileiras!!!

Nessas idas e vindas, confirmamos a necessidade do engajamento coletivo quando se deseja transformar realidades, quando se trabalham essas temáticas. Descobrimos a vital importância e necessidade do trabalho em redes. Percebemos quanto ainda temos a fazer, tanto no nível municipal quanto no nível de região porque parece que com a mesma facilidade que por momentos se avança em outros se retrocede. No entanto, o fato de fazer, de querer, de estabelecer compromissos e, principalmente, de sonhar e manifestar esses sonhos para fazê-los conjuntos, dá a certeza de que vale a pena qualquer esforço para mudar a realidade de nossas sociedades violentas, mudar a “historia” das mulheres em nossos sociedades.

O feminismo como uma “dança” que nos interpela?¹

O feminismo se caracteriza como um movimento de luta por direitos e igualdades; teve um papel crucial e interferiu na história mais recente da humanidade. Questionou e redefiniu os papéis das mulheres e dos homens no campo da sexualidade, do conhecimento, da linguagem, do comportamento, da ética, da educação, da política, do cotidiano, da discussão dos temas sociais e do mundo do trabalho. Enfim, o feminismo propõe a desconstrução da visão antropológica androcêntrica e patriarcal e o desenvolvimento de uma nova compreensão de ser humano e de uma nova construção do mundo.

O feminismo não deve ser entendido como um episódio com datas fixas e facilmente determinado. A história humana está marcada por ações e comportamentos de mulheres (e também de homens) que, considerando os limites do seu contexto histórico, podem hoje ser identificados como feministas. No entanto, como movimento a história do feminismo é recente. O movimento feminista como ação organizada e coletiva, que visa mudar a situação das mulheres no conjunto da sociedade, vai surgir no quadro dos movimentos sociais e políticos que marcaram a Europa Ocidental a partir do século XVIII. Historicamente o movimento feminista está ligado à Revolução Francesa e movimentos liberais nos Estados Unidos. O feminismo junta-se a outros movimentos de libertação que denunciam a existência de formas de opressão que não se limitam ao econômico.

Na França, as mulheres participaram ativamente do processo revolucionário. Elas se organizaram e surgem muitos textos sobre a situação das mulheres, propondo alterações na legislação para assegurar os direitos de cidadania das mulheres. Em 1787, o filósofo Nicolas de Condorcet publicou um tratado sobre os direitos da mulher. Nele propunha às mulheres os mesmos direitos naturais que os homens. Contudo, assim que a Revolução se consolidou as mudanças esperadas não se concretizaram para as mulheres. Olympe de Gouges, escritora conhecida da época, escreve, em 1791, *Os direitos da mulher e da cidadã*. Ela afirma: “A mulher nasce livre e permanece igual ao homem em direitos. (...) Esses direitos inalienáveis e naturais são: a liberdade, a propriedade, a segurança e, sobretudo, a resistência contra a opressão”. Olympe foi guilhotinada em 1793, sob a acusação de querer ser um “homem de Estado”

¹ O texto que aparece neste item foi publicado na Cartilha “Nem tão doce lar: uma vida sem violência é um direito de mulheres e homens” (GONÇALVES; NUÑEZ DE LA PAZ; STRÖHER, 2009, p. 70).

e ter esquecido as “virtudes próprias de seu sexo”. Como ela, mais 244 mulheres receberam o mesmo destino. Em 1795, um decreto da Assembléia Nacional proibia toda atividade pública e organização das mulheres, inclusive o agrupamento em número maior do que cinco nas ruas.

Na Inglaterra, Mary Wollstonecraft, considerada a pioneira do moderno feminismo escreve, em 1792, a obra *A vindicação dos direitos da mulher*, onde propunha a igualdade de oportunidades na educação, no trabalho e na política.

O ano de 1848 é um marco na história, como um ano de grande sublevação política. Neste contexto, o feminismo torna-se um movimento mais consolidado, realizando a Convenção dos Direitos da Mulher, em Nova Iorque, e adquirindo um cunho reivindicatório por ocasião das grandes revoluções.

O impulso significativo, contudo, ocorre a partir do século XIX, em que mulheres operárias começaram a se organizar e reivindicar melhores condições de trabalho nas fábricas. O primeiro protesto contra a exploração, os baixos salários e as péssimas condições do trabalho feminino ocorreu em 8 de março de 1857 (Nova Iorque), numa fábrica têxtil, marcado como uma das primeiras greves de operárias. Este movimento foi brutalmente reprimido pela polícia e as operárias perseguidas pelos patrões.

A partir daí, novos movimentos de protesto se seguiram. Em 1908, mais de 14 mil mulheres marcharam nas ruas de Nova Iorque reivindicando o mesmo que as operárias no ano de 1857, bem como o direito de voto. Caminhavam com o slogan “Pão e Rosas”, em que o pão simbolizava a estabilidade econômica e as rosas uma melhor qualidade de vida. Em 1910, na Conferência Internacional de Mulheres, na Dinamarca, foi decidido, em homenagem às mulheres de 1857, comemorar o 08 de Março como *Dia Internacional da Mulher*, que completou 100 anos em 2010.

Na história subsequente, o feminismo caracterizou-se como um movimento sufragista nos Estados Unidos, Europa e América Latina. Na América Latina, contudo, a emancipação feminina não foi bem recebida, sofrendo resistência especialmente por setores da Igreja Católica Romana e mesmo de políticos esquerdistas, que não queriam conceder o direito ao voto às mulheres. As mulheres chilenas foram as primeiras latino-americanas a votar, pois na Constituição do Chile não havia nada que proibisse o voto feminino – *lacuna* que logo foi tratada de ser *preenchida* pelos políticos masculinos. Ativistas pela emancipação feminina chegaram a ser presas como prisioneiras políticas, como Maria Jesus Alvarado Riviera, do Peru, e Zea Hernandez, da Colômbia.

No Brasil, o voto feminino já era tema de discussão na época da monarquia. Nísia Floresta (1809-1885) é considerada a precursora do feminismo no Brasil. Educada na Europa, onde manteve um salão frequentado por intelectuais, ao retornar ao Brasil dedicou-se à defesa da educação das mulheres como forma de sua emancipação. Em 1873, Francisca Senhorinha Motta Diniz fundou o jornal *O sexo Feminino*, que defendia a educação e a emancipação da mulher. O jornal se dedicava à defesa do sufrágio feminino e do movimento abolicionista. Em 1878, estreava a peça *O voto feminino*, em São Paulo, escrita por Josefina Álvares de Azevedo. Na Constituinte de 1890/91 o voto feminino não foi incluído.

Outro nome importante é o de Laura da Fonseca e Silva Brandão, que, em 1928, fundou o Comitê das Mulheres Trabalhadoras. Em 25 de maio de 1929, lidera um comício na Praça Mauá, no Rio de Janeiro, resistindo aos soldados que avançavam contra os manifestantes.

O Movimento sufragista começa a ter força a partir da fundação, em 1910, do Partido Republicano Feminino, por Deolinda Daltró. Em 1917 e 1919 são apresentados na Câmara e no Senado, respectivamente, projetos de lei instituindo o voto feminino. Em 1921, a Câmara e o Senado aprovam o projeto como matéria de emenda constitucional. Somente em 1927 foi discutido pelo Senado, e, em 1932, foi instituído por decreto presidencial, sendo confirmado pela nova Constituição de 1934. Em 1930 já havia eleitoras em 10 estados brasileiros, decorrentes das lutas locais e aproveitando a brecha da Constituição, interpretando *cidadãos* como inclusivo para mulheres.

Berta Lutz, que estudou na Sorbonne, ao retornar ao Brasil, em 1918, torna-se uma das mais importantes líderes do movimento feminista. Em 1920, funda a *Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher*, com o objetivo de lutar pela igualdade de salário e direito ao voto. Em 1922, funda a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino* e, em 1931, participou da elaboração do Código Eleitoral. Em 1936, elege-se como a primeira mulher deputada federal, em cujo mandato propôs a criação do *Departamento Nacional da Mulher*. Sua principal plataforma política: mudança da legislação em relação aos direitos das mulheres ao trabalho; erradicação do trabalho infantil; igualdade de gênero em salário e direitos; direito legal de licença maternidade.

Nos anos de 1950, o feminismo ganhou um novo aspecto, quando começa a discutir a construção da identidade feminina e a liberação sexual. Em 1949, Simone de Beauvoir publica *O Segundo Sexo*, onde buscava desconstruir o mito da *natureza feminina* e negava a existência de um *destino biológico feminino* – “a feminilidade não é uma essência nem uma natureza: é uma situação criada pelas civilizações a partir de certos dados

fisiológicos”. O livro provocou impacto imediato e críticas: a) dos conservadores, devido principalmente aos capítulos dedicados à sexualidade feminina b) da esquerda, pois acreditavam que desviaria o foco da questão principal, a luta de classes.

O impulso mais decisivo da história do feminismo ocorreu na década de 60. Centenas de grupos e organizações de mulheres afloraram no mundo inteiro. O lançamento do livro *A mística feminina*, de Betty Friedan, colocava uma questão fundamental na luta pela emancipação da mulher: a sua posição dentro da família – sua prisão era a sua própria família. As mulheres se integram no mercado de trabalho, asseguram certos direitos sociais e jurídicos, têm acesso à educação e à participação política, mas a estrutura familiar não se altera. Betty Friedan constata, a partir de histórias de vida de mulheres, o sentimento de vazio dessas mulheres. A família condiciona, determina e limita toda a vida e a atividade das mulheres. E a divisão de trabalho na família não segue as regras do mercado de trabalho; o trabalho doméstico não é contratual, não é remunerado e não tem qualquer valorização. A divisão entre os sexos é tão profunda que mesmo nas lutas operárias há conflitos entre homens e mulheres, ou seja, não é somente a condição de dependência econômica a causa da dependência histórica da mulher – embora este seja um de seus determinantes.

Construindo

Como podemos continuar caminhando? Como enfrentar as diversas e cotidianas formas de violências contras as Mulheres e Meninas?

Pensamos que não existem receitas prontas, as grandes teorias de uma ou outra maneira podem ser contestadas por outras “grandes e nem tão grandes” teorias. As grandes teorias podem ser contestadas pelo cotidiano gritante de nosso mundo atual. Então, se não existem receitas, somos nós as responsáveis por continuar apresentando “não uma receita” e sem muitas receitas que possam nortearmos.

Para isso é imprescindível tomar em conta o contexto, o melhor, os diferentes contextos. A terminologia de “aldeia global” não funciona para reconstruir, precisamos reconstruir desde as singularidades, desde as pluralidades... sabedoras de que o que para uma cultura, povo o região pode “dizer muito”, para outros, simplesmente, pode carecer de significados. Nossas políticas públicas podem ter uma meta “macro”, não entanto elas deverão ser implementadas respeitando “esse micro”, com ações bem definidas para cada contexto.

Temos que ser sóricas, temos que aprender e manter uma ética e uma política sororal. Sororidade significa que abraço você, que escuto

você, que sustento você, que acompanho você pelo fato de você ser mulher, porque independentemente de partido político, de classe social, etc... temos uma historia comum. Como mulheres – pelo fato de sermos mulheres – partilhamos de “uma mesma historia”. Sororidade é prática, é a teoria feita prática. Ela se faz efetiva quando afetiva, e precisamos dela!

Só o trabalho em rede, “de mãos dadas”, pode e vai fazer diferente. Temos de ser conscientes que hoje nós estamos “colhendo” aquilo que muitos anos atrás outras mulheres semearam. Hoje nós podemos colher, mas, temos que semear também! Temos que continuar semeando para “a colheita” de outras gerações!

Feminilização da migração: desafios e potencialidades!

Leitura do texto bíblico Mt 26:36-46 (Mc 14:32-42; Lc 22:39-46)

36. Retirou-se Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse-lhes: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar.
37. E, tomando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se.
38. Disse-lhes, então: Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo.
39. Adiantou-se um pouco e, prostrando-se com a face por terra, assim rezou: Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres.
40. Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo. E disse a Pedro: Então não pudestes vigiar uma hora comigo...
41. Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.
42. Afastou-se pela segunda vez e orou, dizendo: Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!
43. Voltou ainda e os encontrou novamente dormindo, porque seus olhos estavam pesados.
44. Deixou-os e foi orar pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras.
45. Voltou então para os seus discípulos e disse-lhes: Dormi agora e repousai! Chegou a hora: o Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores...
46. Levantai-vos, vamos! Aquele que me trai está perto daqui.

Agradeço muito o convite e dou graças a Deus pela possibilidade de poder participar deste Encontro, pela possibilidade de compartilhar conhecimento, principalmente, numa temática que me é tão cara. Confesso que escrever este texto me produziu muita ansiedade. Talvez tenha sido pelo fato de que a escrita se deu em diálogo permanente com minha história de vida, história de vida que indiscutivelmente ficou recheia de muitas outras histórias, incluindo aquelas que partilhavam uma mesma condição: “a de migrantes”.

Então como migrante, peço licença para me apresentar de novo, talvez de uma maneira diferente daquela que acaba de ser feita “oficialmente”. Meu nome é Nivia Ivette Núñez de la Paz (e não Nivea Ivette Nunes como gostam de escrever e pronunciar aqui no Brasil), sou mulher, cubana-camagueyana, latino-americana, enfermeira, teóloga,

pesquisadora, anglicana, esposa, filha, irmã, tia, prima, madrinha, amiga. Integrada a novas comunidades, fazendo parte de novas famílias e carregando essas múltiplas identidades. Tudo isso se une àquela bagagem trazida dos 30 anos vividos em meu país natal!

O tema que me ocupa nesta manhã é a Feminilização da Migração! E dessas estatísticas eu faço parte, também por causa dessas estatísticas faço parte de vocês. Sim, meu primeiro contato com missão e as Missionárias Scalabrinianas se deu pela minha condição de migrante, um atraso da minha documentação... e foi então quando conheci o Padre Joaquim, pessoalmente, em Porto Alegre e a Irmã Rosita Milesi, de Brasília, virtualmente. Aproveitei o momento para agradecer a acolhida, as orientações e o acompanhamento que perpassou vários anos e que teve forte doses de carinho e amizade.

No início da minha fala, li o texto bíblico do Evangelho de São Mateus 26:36-46. Nenhum outro texto bíblico aguçava tanto minha imaginação quanto esse. Nenhum outro texto bíblico me inquieta tanto! Os discípulos, que tinham escutado os ensinamentos do Mestre, que haviam caminhado e convivido com o Mestre... não percebem a importância do momento, a gravidade do momento, o decisivo do momento. Não escutam o pedido de quem lhes é próximo e ...“dormem”!

Algo inacreditável, não? É uma passagem da que podem ser feitas “muitas” leituras!!!

Hoje, quero que essa passagem nos toque, nos estremeça se necessário. Quero que seja o próprio Jesus quem insista em que nossos olhos devem ficar abertos... apesar dos séculos que por umas ou outras razões, em uma que outras ocasiões, tenhamos preferido fechar-los.

Raúl Fornet-Betancourt filósofo, conterrâneo e amigo, quando indagado pelo “lugar epistemológico de sua fala” ele diz: “*Eu falo desde o futuro que quero!*” Hoje, aqui, desejo fazer minhas essas palavras: Eu falo desde o futuro que quero! Nesse espírito recebam vocês estas colocações.

(Mt 26: 38) Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo

Convido vocês para olhar algumas imagens¹:

¹ Disponível em: <<http://mulherescartasvivas.blogspot.co.uk>>.



***Irum Saeed, 30 anos,** posa para a fotografia em seu escritório na Universidade urdu de Islamabad, Paquistão, quinta-feira, 24 julho, 2008. Irum foi queimada no rosto, costas e ombros há doze anos atrás, quando um rapaz a quem ela rejeitou o casamento jogou ácido sobre ela no meio da rua. Ela já foi submetida a 25 cirurgias plásticas para tentar se recuperar de suas cicatrizes.*



***Shameem Akhter, 18 anos,** posa para as lentes do fotógrafo Emilio Morenatti na sua casa em Jhang, Paquistão. Shameem foi estuprada por três rapazes que jogaram ácido em seu rosto há três anos. Shameem foi submetida a 10 cirurgias plásticas para tentar se recuperar de suas cicatrizes.*



Najaf Sultana, 16 anos, fotografia tirada em sua casa em Lahore, Paquistão. Quando tinha 5 anos, Najaf foi queimada pelo seu pai enquanto ela estava dormindo, aparentemente porque ele não queria ter uma outra menina na família. Como resultado da queimadura, Najaf ficou cega, foi abandonada por seus pais, ela agora mora com parentes. Ela foi submetida a cerca de 15 cirurgias plásticas para tentar se recuperar de suas cicatrizes.



Shehnaz Usman, 36 anos, posa para a fotografia em Lahore, Paquistão. Shehnaz foi queimada com ácido por um parente devido a uma disputa familiar há cinco anos. Shehnaz foi submetida a 10 cirurgias plásticas para tentar se recuperar de suas cicatrizes



Shahnaz Bibi, 35 anos, posa para a fotografia em Lahore, Paquistão. Dez anos atrás Shahnaz foi queimada com ácido por um parente devido a uma disputa familiar. Ela nunca fez nenhuma cirurgia plástica.

Isso nos surpreende? ... Até onde nos surpreende?

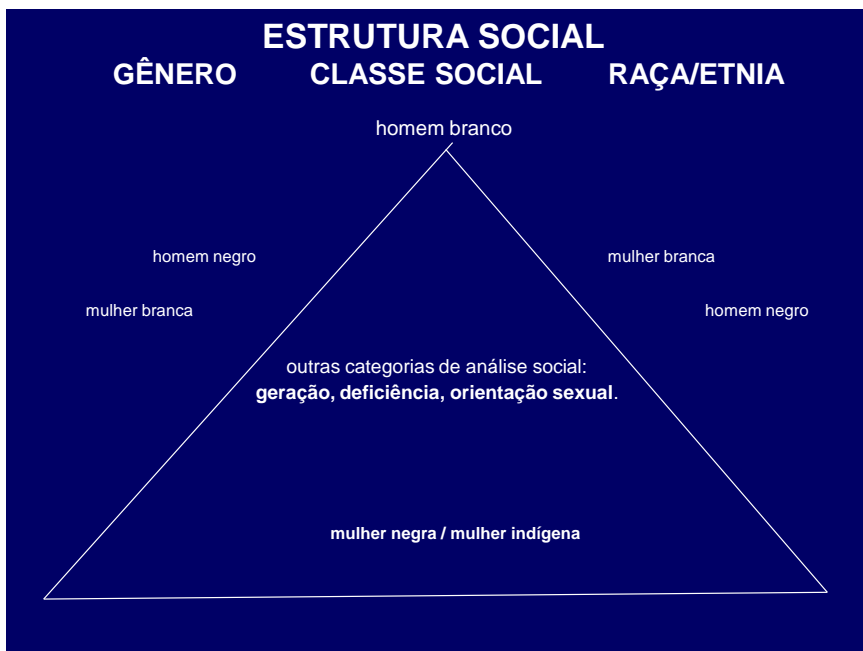
Isso nos interpela? ... Até onde nos interpela?

Isso nos mobiliza? ... Até onde nos mobiliza?

Isso que acabamos de olhar tem alguma relação com aquilo que olhamos, escutamos, lemos e vivenciamos no nosso dia a dia, nos jornais, na TV, na internet?

A Pirâmide² que veremos em continuação representa a dinâmica do cotidiano nas sociedades ocidentais. Penso que, com particularidades e matizes diferentes, essa pirâmide é o reflexo do que acontece no mundo como um todo! Vamos analisar:

² Pirâmide confeccionada pela doutoranda Lilian Lira para as aulas sobre a temática de violência oferecidas no Projeto Capacitação Regional executado pelo CECA.



Pirâmide social com recorte de gênero

Partindo dessa sociedade piramidal, nossa sociedade, temos então um protótipo de “ser humano ideal” que seria o:

- macho (SEXO)
- homem (GÊNERO)
- branco (RAÇA/ETNIA)
- hétero (ORIENTAÇÃO SEXUAL)
- rico (CLASSE SOCIAL)
- SEM DEFICIÊNCIA
- JOVEM

Quão mais diferente desse ideal, menos valor tem para a sociedade. Como SER MULHER é o mais diferente que se pode ser em relação a SER HOMEM, na medida em que outras características lhe são atribuídas, menos valor essa MULHER passa a ter.

Esse seria o “ser humano ideal” imposto pelos séculos dos séculos... E como esse “ser humano ideal” é HOMEM... a pergunta seria: qual o lugar que sempre ficou reservado e ainda fica para nós, mulheres do planeta?

**(Mt 26: 40) Foi ter então com os discípulos e os encontrou dormindo.
E disse a Pedro: Então não pudeste vigiar uma hora comigo...**

Difícilmente as mulheres aparecem na história escrita... e como bem diz o ditado “quem não aparece não é lembrado”, por isso a cada ano, em cada território, fomos silenciadas, apagadas, extinguidas das histórias “importantes”, das histórias “verdadeiras”... lógico que nada disso foi “sem propósito” ou “por acaso”.

Para entrar de alguma maneira nessa “história oficial”, tínhamos que nos destacarmos muito, mas muito... e para nos destacarmos tínhamos preferencialmente que nos aproximar de um outro modelo “o modelo ideal de mulher”: a mulher virtuosa!, a do lar, a comportada, a do olhar baixo e perdido, a do carinho, a da sensibilidade aguçada, a da maternidade, a do cuidado, a da responsabilidade, a da entrega... sim! da entrega até o sacrifício se for preciso... Esse modelo ideal de mulher cobrou e cobra ainda um alto preço de quem a ele não se submete.

Por causa desses modelos, cada vez nossas relações como seres humanos foram menos simétricas e mais hierarquizadas. Por esses modelos o Homem se sentiu “sujeito” com plenos poderes sobre o “objeto” Mulher.

E era assim que Deus queria?

Se lembro bem em Gênesis 1:27 diz que fomos criados a imagem e semelhança de Deus! Os seres humanos, todas e todos, fomos criados a imagem e semelhança de Deus!.

Esse modelo “ideal de mulher” legitimado e inatingível, em toda sua extensão, tem trazido, para nós mulheres, um cotidiano demasiado pesado e violento. Situação esta que não podemos passar por alto quando estamos falando de *feminilização*.

A violência contra a mulher definida como qualquer ação ou conduta, baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado³ é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres, que conduziram à dominação e à discriminação contra as mulheres pelos homens⁴.

³ Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. Belém do Pará, 1994. Ratificada pelo Brasil em 1995.

⁴ Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, 1993.

Dados da violência contra as mulheres

Dados Mundiais

Segundo a Organização Mundial de Saúde a violência é a maior causa de morte de mulheres entre os 16 e os 44 anos, além de confirmar que pelo menos uma em cada três mulheres já sofreu violência um dia, e que 70% dessas mulheres sofreram violência dentro de casa⁵.

O relatório da Anistia Internacional⁶ traz ainda um dado divulgado pelo Conselho Europeu: *a violência doméstica é a principal causa de morte e deficiências entre mulheres de 16 a 44 anos e mata mais do que câncer e acidentes de trânsito.*

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho, quase 1 milhão de pessoas são traficadas no mundo anualmente com a finalidade de exploração sexual, sendo que 98% são mulheres. O tráfico chega a movimentar 32 bilhões de dólares por ano, sendo apontado como uma das atividades criminosas mais lucrativas e eficientes.

Dados do Brasil

De acordo com estimativas da Fundação Perseu Abramo, *2,1 milhões de mulheres são espancadas por ano no País; 175 mil por mês, 5,8 mil por dia, 243 por hora, 4 por minuto, uma a cada 15 segundos*⁷.

Em 2009, a Fundação Avon pesquisou duas mil mulheres nas cinco regiões brasileiras: 55% das entrevistadas conhecem casos de agressões a mulheres; 24% não abandonam o agressor por falta de independência econômica; 23% por preocupação com a criação dos filhos; 17% por medo de ser morta caso rompa a relação; 56% apontam a violência contra a mulher à maior preocupação feminina dos dias de hoje; 51% defendem a prisão do agressor; 36% creditam a violência contra a mulher ao machismo⁸.

⁵ Organização Mundial da Saúde. Informe Mundial sobre Violência e Saúde 2002. Disponível em: <<http://copodeleite.rits.org.br>>.

⁶ Relatório Anistia Internacional. Disponível em: <<http://cozinhadamatilde.com.br>>. Acesso em abril de 2010.

⁷ Fundação Perseu Abramo. Violência contra a mulher. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br>>. Acesso em maio de 2010.

⁸ Pesquisa Percepções sobre a Violência Doméstica contra a Mulher no Brasil, Ibope/Instituto Avon, 2009. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br>>. Acesso em abril de 2010.

De 63% a 75% da violência contra crianças e mulheres ocorre no âmbito da casa e por pessoas de sua relação próxima.

10 vezes é o número médio de surras que uma mulher leva antes de ter coragem de denunciar o agressor.

Mas por que as mulheres aguentam tanto?

Segundo a Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV), são vários os fatores que levam uma mulher a continuar suportando a situação de violência. São eles:

- Medo de represálias por parte da pessoa agressora, que ameaça, muitas vezes, com matá-la e matar suas crianças, se eles saírem de casa.
- Dependência econômica: a mulher pode não ter emprego ou recursos financeiros que lhe garantam autonomia.
- A existência de filhos: a situação torna-se mais complicada quando tem crianças a seu cargo, pois acredita que é melhor para as crianças crescerem na convivência do pai.
- Baixa auto-estima, devido ao desgaste contínuo provocado pelo agressor.
- Isolamento: sente que ninguém acredita nela (nem polícia nem serviços sociais) e não se sente apoiada pela família, amigos, vizinhos.
- Pressão da família: o agressor convence, por vezes, à família de que está tudo bem entre o casal, e que os problemas são culpa dela.
- Sofrimento aprendido: Se a mulher cresceu num ambiente de violência, há mais probabilidade de achar que a violência faz parte das relações normais do casal.
- Amor: Muitas vezes, a mulher ama o seu parceiro e acredita que ele vai mudar.
- Papéis construídos e atribuídos historicamente à mulher e ao homem na sociedade: acredita que é seu dever manter a unidade familiar, cuidar do bem-estar da família e do espaço doméstico.

Há um *generocídio* ou *feminicídio*, que constitui em crimes contra as mulheres pelo fato de serem mulheres e o agressor considerar a vítima como propriedade e não admitir que ela atue como pessoa livre (como olhamos na escrita das fotos de mulheres muçulmanas). São essas mulheres as que hoje fazem parte das estatísticas migratórias com um aumento considerável, aquilo que na linguagem acadêmica denominamos como: *feminilização da migração*. São “elas”, mulheres de nossas sociedades, migrantes por opção ou sem opção. Somos nós!

(Mt 26: 43) Voltou ainda e os encontrou novamente dormindo...

Segundo apontam os dados de enquetes e relatórios (ver OIM - Organização Internacional das Migrações) os rostos da migração hoje se tornam mais femininos. Na última década essa “feminilização da migração” tem tido só cifras crescentes. Mas são esses rostos, suas vivencias, suas marcas “os” e “as” que denunciam a diário nosso pecado maior como humanidade.

A feminilização da migração hoje é resultado de fatores políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais. Feminilização da migração não quer dizer que as mulheres estejam viajando mais por lazer; nem que estejam com melhores salários e por isso possam escolher outros continentes para conhecer; nem que, pelo esforço e pelas conquistas no estudo, estejam sendo requisitadas para postos de trabalho ou de direção em outros países. Muito pelo contrário, a feminilização da migração denota a necessidade de buscar sobrevivência em outras terras quando a nossa terra não nos permite viver com dignidade.

Essa migração feminina, principalmente latino-americana, está traçando até novas rotas. Aqueles países do norte (EUA e Europa), antes visto como lugar primordial pela emigrante, hoje são vistos como lugares de crise, desemprego, risco, questão esta que remodela a percepção da população do Sul (uma nova linha Sul-Sul se inicia, ex. Brasil e Austrália), repercutindo assim em diferentes fluxos migratórios.

A mulher que migra leva na sua pele, no seu corpo, as marcas dessas violências que anteriormente enumerávamos, marcas de violência sofrida no lar, no bairro, na comunidade, no trabalho, na sociedade. Essa mulher sai de uma sociedade androcêntrica e patriarcal em busca de uma vida melhor, para ela e para sua família, mas encontra que a sociedade que a acolhe não difere muito da anterior nesses quesitos. Mulheres que carregam com ela “os adjetivos” do país de origem, sendo esses adjetivos os que “marcam sua chegada” e “definem sua estadia” (colombiana sempre associada ao tráfico de drogas, à guerras; cubana sempre associada a Fidel e à revolução).

Essa mulher, ou melhor, mulheres no plural, mulheres migrantes já muito bem formatadas nos “papéis de mulheres” acabam trabalhando triplas jornadas para ajudar aqueles da família que ficaram no país de origem, já sejam filhos, filhas, mãe, pai e até irmãos. Uma responsabilidade que socialmente lhes vai sendo atribuída e pela qual também é cobrada (se saiu da terra, do lar, se “abandonou” aos seus e o “seu” ao menos tem que manter a responsabilidade de ajudar ou a manutenção a distancia. São mulheres que sofrem diariamente por estar longe, por não mais participar

dos rituais familiares de cada ano, por não conseguir “fazer mais” do que conseguem na terra estranha!

Essas mulheres migrantes quase nunca escolhem trabalhos (na maioria dos casos são os que nenhuma outra pessoa deseja fazer pelos esforços que acarretam). Não têm um horário regulamentado para a jornada laboral. Clamam a Deus por saúde e trabalham, trabalham, trabalham... para juntar os salários quase sempre baixos e mutilados (muitas trabalham na ilegalidade).

Migrar na modernidade passou a ser “luxo de pobre” e por essa razão os rostos da migração agora são femininos. A migração se massifica e ao mesmo tempo se “coisifica” (pensando nas migrações de trabalhadoras domésticas e as migrações induzidas pelo tráfico de meninas e mulheres: a nova escravidão do século XXI).

Levantai-vos, vamos! (Mt 26: 46)

No convite oficial que recebi para estar hoje aqui, diz (cito textualmente): “(...) os deslocamentos humanos em massa se tornam, cada dia, mais intensos, sempre mais complexos e diversificados. Somos conhecedoras de que esta grande movimentação dos humanos anuncia transformações profundas em nossas sociedades”, então pensei... esta colocação inverte “minha lógica”, a lógica que acabo de expor... “que são nossas sociedades machistas, androcêntricas, patriarcais, irresponsáveis e doentes as que provocam na contemporaneidade esses fluxos migratórios tão intensos, esses fluxos migratórios marcados principalmente pela feminilidade”.

Na reflexão, percebi-me pensando de novo na lógica hierárquica. Tem que existir algo “no topo” que desencadeie “tal ou tal coisa”. E é aí que está a armadilha! Do mesmo jeito que essa grande movimentação dos seres humanos traz indiscutivelmente transformações profundas em nossas sociedades... são nossas sociedades, “o jeito” de nossas sociedades, as que incitam hoje a essa grande mobilidade social.

A meu modo de ver, se pensamos só em como resolver os problemas das pessoas migrantes, deslocadas ou refugiadas estaremos só oferecendo uma máscara de oxigênio à pessoa que sofre de falta de ar. Isso é importante, lógico, mas nós temos que ir além! Nós temos que procurar o porquê da falta de ar? E tentar “mudar” aquilo que causa essa falta de ar. Seriam movimentos simultâneos. Oferecemos oxigênio a quem precisa e tentamos mudar aquilo que está provocando nos seres humanos a falta de ar. Em outras palavras, temos que tentar mudar as relações sociais, arriscar para que as violentas relações de gênero hoje possam ser relações mais

humanizadas amanhã, relações de equidade. Precisamos fazer valer os direitos humanos, precisamos dessa transformação social que só virá com o envolvimento e as ações conjuntas de mulheres e homens da sociedade civil, do poder público, das diferentes instituições, religiões, denominações cristãs, entre outras...

Para tal empreitada não temos receitas prontas. Penso que não existem receitas prontas, as grandes teorias de uma ou outra maneira podem ser contestadas por outras “grandes e nem tão grandes” teorias. As grandes teorias podem ser contestadas pelo cotidiano gritante de nosso mundo atual. Então, se não existem receitas, somos nós as responsáveis por encontrar não “a receita” e sim “muitas receitas” que possam balizar a caminhada.

Hoje tudo se documenta mais fácil! Quem podia publicar antigamente? Quem podia fazer um livro? Se bem não é algo ao alcance de todas as pessoas, a possibilidade tem aberto muito mais seu leque. O fato de poder comunicar mais facilmente deve ser aproveitado. Precisamos documentar e precisamente documentar aquilo que acontece no local, no nível micro (histórias de vida do cotidiano) e na mesma medida fazer circular essa informação. Contrapondo ela ao monopólio informativo da Grande Mídia, tanto na seleção das notícias quanto na repetição exagerada das mesmas.

A linguagem! Assim como o saber, a linguagem também é poder! Se permitirmos, continuamos perpetuando e aceitamos uma linguagem machista, androcêntrica, sexista. Estamos permitindo, perpetuando e aceitando uma forma muito sutil de violência. O uso da linguagem inclusiva deveria tornar-se bandeira prioritária de nossos cotidianos, de nossas demandas e lutas.

Temos que materializar outras formas de pedagogia! Há outras formas de ensinar, outras formas de compartilhar, produzir e intercambiar conhecimento (o canto, a dança, o teatro...). Temos que devolver a importância ao tempo, ao abraço, à carícia, ao sorriso! Continuamos reproduzindo “os modelos” aprendidos para uma reunião, para um evento, para um congresso, para o trabalho no dia a dia, para a vida... e precisamos inovar, correr riscos, atrever-nos. Precisamos não ter medo de errar. Vamos ser cobradas como mulheres, sim, sempre somos cobradas... mas temos que modificar essa ordem! Como humanas temos o direito de errar e começar de novo, começar de novo quantas vezes seja necessário. É precisamente essa humanidade a que hoje está em jogo!

A Interculturalidade afirma: *Deus não é estável, Deus incita ao peregrinar permanente. A religião tem que aprender a “desligar-se” porque estando tão ligada acaba com a peregrinação.* E essa afirmação ecoa como

chamado! Temos que denunciar esse tipo de igreja, de teologia e de religião que por séculos tem sustentado, reforçado e legitimado a violência de maneira geral e principalmente a violência contra as mulheres, embasada num “deus” inventado segundo os mais mesquinhos interesses.

Fomos criadas a imagem e semelhança de Deus. É então a partir de nossa pluralidade que podemos afirmar que não existe um “ser humano” em singular agradável aos olhos de Deus! Pastores, religiosos e líderes que declarem supremacia dos homens, que diminuam ou excluam as mulheres através de embasamentos bíblicos ou teológicos estão fazendo uma manipulação da escritura sagrada e da teologia, uma manipulação do próprio Deus. Precisamos de um novo paradigma eclesiológico!

Referências

- ALONSO Tejada, Aurelio. *Iglesia y Política en Cuba*. La Habana: editorial Caminos, 2002.
- BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- BETTO, Frei. *Fidel y la Religión: Conversaciones con Frei Betto*. 1 ed. La Habana : Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1995.
- BRAGA, José Luiz. “Lugar de fala” como conceito metodológico no estudo e produtos culturais e outras falas. In: FAUSTO NETO, A.; PINTO, M. J. (orgs.). *Mídia e Comunicação*. COMPÓS. Rio de Janeiro: Diadorim, 1997.
- BUCCI, Eugênio. Como a violência da tv alimenta a violência real – da polícia. In: KEHL, Maria Rita; BUCCI, Eugênio. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CASTRO, Fidel. Discurso, Disponible en: <<http://www.granma.cubaweb.cu>>.
- CÉSPEDES, Carlos Manuel de. ¿Puede afirmarse que el pueblo cubano es católico o no? *Temas*. Ciudad de la Habana, n.4, p. 13-23, set./dic., 1995.
- CONVENÇÃO Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher. Belém do Pará, 1994. Ratificada pelo Brasil em 1995.
- CUNHARY. Quem faz a notícia? *Cunhary*: Rio das Mulheres. Ano XIV, No 63, Janeiro/março. São Paulo, 2006.
- DECLARAÇÃO sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres, Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas, 1993.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Seminário oferecido no PPG da Facultades-EST/São Leopoldo no mês de setembro do ano de 2007*. (material não publicado).
- FUNDAÇÃO Perseu Abramo. Violência contra a mulher. Disponível em: <<http://novo.fpabramo.org.br>>. Acesso em maio de 2010.
- GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando. *Cuba: A surpresa do milagre*. São Leopoldo: CEBI, 1999.
- GEBARA, Ivone. *As incômodas filhas de Eva: na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- _____. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Lúcia Mathilde Endlich Orth (trad.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GIRARDI, Giulio. *Cuba después del derrumbe del comunismo*. 1 ed. Matanzas: Centro de Información y Estudio “Augusto Cotto”, 1996.

_____. *El Ahora De Cuba, tras el Derrumbe del Comunismo y tras la Visita del Papa*. Madrid: Nueva Utopía, 1998.

GOMES, Pedro Gilberto. *Tópicos de Teoria da Comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 1995.

GONÇALVES, Leonardo de Oliveira; NUÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette; STRÖHER, Marga Janete (Org.). *Nem tão doce lar: uma vida sem violência é um direito de mulheres e homens*. Porto Alegre: FLD, 2009.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KEHL, Maria Rita; BUCCI, Eugênio. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

KILPP, Nelson (Org.). *Manual de normas para trabalhos científicos*. São Leopoldo: EST, 2006.

LEENHARDT, Jacques. Uma sociologia das obras de artes é necessária e possível? *Tempo Social*. Ver. Sociol. USP, S. Paulo 10(2): 101-111, outubro de 1998.

MATA, María Cristina. *De la presencia a la exclusión*. La obliteración del conflicto y el poder en la escena mediática. Buenos Aires: Diálogos de la Comunicación. Abril, 2001.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. Luiz Paulo Rouanet (trad.) 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____; NEVEU, Erik. *Los cultural studies*. Hacia una domesticación del pensamiento salvaje. La Plata: EPC, 2002.

NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. *Comunidade Canção Nova: os novos tipos de evangelização na contemporaneidade*. Ebook. São Leopoldo: Karywa, 2015.

_____. *El anquilosamiento del proceso revolucionario cubano: Una interpretación socio-teológica del cotidiano enfatizando en el filme Fresa y Chocolate*. Disertación de maestría. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2004.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. *Informe Mundial sobre Violência e Saúde 2002*. Disponível em: <<http://copodeleite.rits.org.br>>.

ORTEGA, Cardenal Jaime. *Pueblo religioso y Estado Laico*. *Caminos*, Ciudad de la Habana, n. 10-11, p.44-46, abr./sep. 1998.

PENN, Gemma. Análise Semiótica de Imagens Paradas. In: BAUER, Martin y George Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESQUISA Percepções sobre a Violência Doméstica contra a Mulher no Brasil. Ibope/Instituto Avon, 2009. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br>>. Acesso em abril de 2010.

RELATÓRIO Anistia Internacional. Disponível em: <<http://cozinha.damatilde.com.br>>. Acesso em abril de 2010.

SALAZAR, Luis Suárez. *El siglo XXI: posibilidades y desafíos para la Revolución Cubana*. Ciudad de la Habana: Ciencias Sociales, 2000.

SILVA, Maria Odília Leite da. Teoria y método dos estudos feminista: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. *Reinventando @ cultura, a comunicação e seus produtos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

VALLE, Carlos. *Comunicación y Misión en el Laberinto de la Globalización*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

